

CRONOLOGIA INTERNACIONAL COMENTADA DE 1915

Autor: António José Telo (Academia Militar)

Os meses iniciais da guerra, em 1914, levaram ao fim das ilusões. Todas as grandes estratégias pensadas antes da guerra falharam nas primeiras semanas, com uma única excepção.

A excepção foi a estratégia naval britânica, a única que se aplicou no essencial como tinha sido pensada. A Royal Navy criou um efectivo bloqueio naval à volta dos Poderes Centrais, fechando a esquadra de Alto Mar Alemã no Mar do Norte, sem possibilidade de passar para o Atlântico e a Austríaca no Adriático, sem possibilidade de passar para o Mediterrâneo. Nas primeiras semanas ainda teve de enfrentar a ameaça dos pequenos núcleos da esquadra alemã espalhados pelo mundo, mas esses são eliminados um por um. Mesmo nos Oceanos em que a Royal Navy não estava presente em força, os seus Aliados impunham-se, como era o caso da França, no Mediterrâneo, e do Japão, no Pacífico. Em 1914, em resumo, o domínio da superfície dos Oceanos por parte dos Aliados afirmou-se – era a confirmação da solidez da estratégia naval britânica. Em 1915 surgiria a surpresa neste campo: as potencialidades da arma submarina.

Com essa excepção, todas as outras grandes estratégias falharam. A Alemanha apostou numa vitória rápida no Ocidente e sofreu uma derrota de grande envergadura no Marne e, no final do ano, em Ypres. A França acreditou numa ofensiva poderosa contra a Alsácia Lorena, e o falhanço foi igualmente total. A Rússia lançou uma ofensiva fulgurante na Prússia Oriental, aproveitando a concentração alemã no Ocidente, e sofreu uma imensa derrota. A Áustria pensou que teria um passeio militar contra a Sérvia e foi humilhada numa luta de David contra Golias. A Grã-Bretanha tinha acreditado que a sua pequena força expedicionária seria suficiente para equilibrar a situação na frente francesa e não tardou a verificar que estava enganada. A Turquia pensou que se imporia facilmente no Cáucaso contra a Rússia e não tardou a verificar que não era assim.

O falhanço simultâneo e cruzado de todas estas estratégias militares terrestres deixava um vazio difícil de preencher. Todos os grandes poderes (com a eventual excepção da Grã-Bretanha) acreditaram numa guerra rápida, em que os soldados estariam de volta antes do Natal. Todos se enganaram e era claro em começos de 1915 que a guerra seria longa e de erosão. Os grandes poderes tinham igualmente acreditado numa guerra de movimento e manobra, semelhante à de 1870-1871. Todos se tinham igualmente enganado: os primeiros meses tinham visto nascer um pouco por toda a parte, mas especialmente na Frente Ocidental, uma guerra fixa e de posições.

Com a chegada do Inverno de 1914-1915 surgia a necessidade de encontrar estratégias alternativas, perante o evidente falhanço das aproximações iniciais. As respostas foram muito diferentes. Há, no entanto, um ponto comum: todas as estratégias para 1915, com a exceção da francesa, apontam para dar a prioridade ao inimigo mais fraco, procurando uma vitória decisiva que o afaste da guerra. A Alemanha concentra-se contra a Rússia; a Áustria contra a Sérvia; a Rússia contra a Áustria; a Grã-Bretanha contra a Turquia. Só a França se vê obrigada a concentrar-se contra a Alemanha, em larga medida porque o seu poderoso vizinho é o único presente na Frente Ocidental. Isto mostra que, em 1915, os grandes poderes se tinham já apercebido que a guerra seria longa, pelo que inverteram a estratégia de 1914. Antes tinham-se concentrado contra o inimigo principal, tentando uma vitória rápida numa guerra de movimento; agora invertiam a estratégia e passavam a procurar eliminar em primeiro lugar o inimigo mais fraco.

CRONOLOGIA INTERNACIONAL

JANEIRO – FRENTE OCIDENTAL – O primeiro inverno nas trincheiras foi especialmente difícil na Frente Ocidental, ainda com um sistema defensivo pouco elaborado. Os Aliados sentem fortes carências devido a uma indústria ainda não mobilizada. Faltam em particular as munições de artilharia, que tem um consumo dez vezes maior que o pensado em tempo de paz.

O BEF britânico continua a ser uma pequena força em começos de 1915, que garante somente cerca de 35 km da frente, deixando o esforço principal para a França – tinha sofrido perto de 90000 baixas em 1914 e, em começos de 1915, recebia os primeiros reforços importantes do Império, sob a forma de divisões da Índia e do Canadá. Estava a crescer, tendo-se dividido em dois Exércitos em começos de 1915 – o Iº, comandado pelo general Haig, e IIº, comandado pelo general Smith-Dorrien.

A França tinha decidido passar à ofensiva em 1915, única forma de aliviar a pressão sobre a Rússia. Joffre apostava tudo numa estratégia de ofensivas sucessivas centradas na zona entre Reims e Arras, através das quais esperava sangrar o poderio alemão, contando com o apoio do BEF nesse esforço. Von Falkenhayn, em contrapartida, estava inclinado para passar a defensiva no Ocidente, depois do falhanço do ataque em Ypres, virando o esforço principal da Alemanha para Leste. A decisão definitiva nesse sentido seria tomada nas próximas semanas.

JANEIRO – Frente do Cáucaso - Nesta frente esquecida a guerra só tinha começado em Novembro de 1914 e, a 22 de Dezembro, a Turquia lançou uma grande ofensiva, com a qual esperava derrotar esmagadoramente a Rússia. De início, a pressão Turca é suficientemente forte para levar a Rússia a pedir aos Aliados ocidentais que ataquem a Turquia noutros pontos. Com o tempo, porém, as grandes debilidades turcas vêm ao de cima. A luta prolonga-se até 15

de Janeiro e o seu resultado é uma imensa vitória russa: 80% da força turca desaparece e as baixas são de mais de dois para um – 75000 turcas contra 28000 russas.

JANEIRO – Frente Leste – O ano começa com vitórias russas igualmente na Frente Leste, pelo menos na sua ofensiva contra a Áustria-Hungria na Galícia, onde o avanço continua, empurrando os austríacos contra os Carpátos. A Alemanha prepara entretanto uma importante ofensiva na Polónia, contando com reforços vindos do Ocidente. A Rússia está dividida quanto à estratégia a seguir, mas no essencial prevalece a tese que é preciso concentrar forças contra a Áustria-Hungria, procurando o seu colapso, o que deixaria a Alemanha isolada.

JANEIRO – Golfo Pérsico – A Grã-Bretanha tinha assegurado antes da guerra o controlo dos vitais campos petrolíferos do Kuwait e posteriormente ocupou os territórios vizinhos da Pérsia, abrangidos numa concessão de exploração de petróleo assinada em 1908. Unidades da Índia são enviadas para o Golfo Pérsico e começa a preparar-se um avanço pelos vales do Tigre e do Eufrates na direcção de Bagdad que, teoricamente, devia coincidir com uma ofensiva russa a partir do Mar Cáspio, que atravessaria a Pérsia para atacar Bagdad pelo Leste – as dificuldades russas no Ocidente impediram a concretização deste movimento, pelo menos com a dimensão pensada. A Rússia perdia assim a sua oportunidade de ouro de se implantar no Médio Oriente e ficaria fora da futura divisão desta região.

JANEIRO – Sinai – A Turquia aproveita a fraqueza inicial britânica no Egipto para avançar a partir da Palestina na direcção do Sinai, ameaçando o Canal do Suez. A Grã-Bretanha faz afluir ao Egipto forças da metrópole, da Índia e da Austrália, preparando a resposta a partir da primavera. A 3 de Fevereiro a Turquia ataca o Canal do Suez, mas é repelida por tropas indianas recém-chegadas e recua desorganizadamente para a Palestina.



Ilustração Portuguesa, 15 de Abril de 1915. Tropas Turcas partem de Jerusalém na direcção do Sinai.

8 de Janeiro – Pérsia. A cidade de Tabriz, no Norte da Pérsia, é ocupada por forças turcas.

11 de Janeiro – Roménia. A GB procura atrair os poucos estados do flanco Sul dos Poderes Centrais pelo que concede um importante crédito de 5 milhões de Libras à Roménia. A Roménia recusou, porém, a proposta Aliada de que se devia juntar à Grécia no apoio à Sérvia, temendo a força dos Poderes Centrais nas suas fronteiras. A Grécia, aliás, recusava igualmente nesta altura uma intervenção armada para apoiar a Sérvia. De notar que, enquanto isto acontecia, a GB negava qualquer crédito significativo a Portugal.

11 de Janeiro – África do Sul. São capturados os últimos rebeldes boers do levantamento que tinha começado em Dezembro de 1914. Agora a África do Sul pode iniciar operações ofensivas em larga escala contra o Sudoeste alemão – demasiado tarde para Portugal, pois as forças alemãs aproveitaram o compasso de espera para atacar em Naulila, no Sul de Angola (Dezembro de 1914).

15 de JANEIRO – Mediterrâneo – O Conselho de Guerra Aliado aprova um ataque naval para abrir uma passagem no Estreito dos Dardanelos (outras fontes indicam 13 de Janeiro). Perante o apelo da Rússia, pressionada no Cáucaso, os Aliados estudam várias possibilidades de atacar

a Turquia. São encarados quatro eixos de ataque possíveis no Sul, dos quais três contra a Turquia.

O primeiro seria a partir da Grécia, avançando para Norte desde Salónica, com o objectivo inicial de procurar a junção com as forças da isolada Sérvia. O segundo, a partir do Suez, reconquistando o Sinai e ameaçando a Palestina. O terceiro, a partir do Kuwait, utilizando forças essencialmente indianas para avançar sobre Bagdad. O quarto, finalmente, um ataque ao coração turco: uma força naval que forçaria a passagem nos Dardanelos e atacaria pelo lado do mar Constantinopla, forçando à sua evacuação, o que permitiria a junção com a Rússia via Mar Negro.

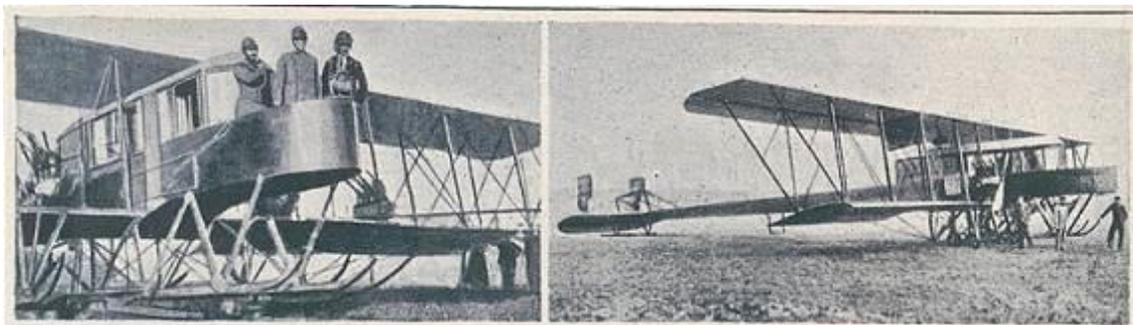
São desviadas forças para todos estes eixos, mas de momento a prioridade vai para dois: os Dardanelos, um projecto especialmente querido de Winston Churchill, 1º lord do Almirantado, e o ataque ao Iraque na vital zona das fontes de petróleo. São mobilizadas forças do Império para ambos: Indianos no Iraque e Australianos e Neo-Zelandeses nos Dardanelos. Os Dardanelos são a operação com maior potencialidade, podendo uma acção exclusivamente naval derrotar decisivamente os turcos, obrigando-os a sair da guerra; as repercussões disto na Europa do Sul seriam imensas, e Churchill aposta fortemente nesta aplicação da tradicional estratégia inglesa da aproximação indirecta.

Estes ambiciosos projectos levam os Aliados a discutir o futuro do Médio Oriente. Uma primeira decisão vai no sentido de o dividir futuramente entre a França, que ficaria com o Líbano e a Síria, e a Grã-Bretanha, que ficaria com a vital zona do petróleo, no Golfo Pérsico e Iraque. São ainda prometidas partes importantes da Turquia à Rússia, à Grécia e à Roménia, em troca do seu apoio contra os Poderes Centrais. Finalmente, a Grã-Bretanha hesita sobre a política a seguir em relação ao mundo árabe, um potencial aliado contra a Turquia, mas que exigia uma política cuidadosa e bem pensada, de modo a não se tornar futuramente um obstáculo para a projectada divisão do Médio Oriente. De momento, é decidido não fomentar a rebelião árabe. Londres acredita que, com o apoio da França, se conseguiria impor contra a Turquia, pelo que prefere não despertar o leão adormecido do nacionalismo árabe, o que só lhe traria dificuldades depois da guerra terminada. A posição inglesa só muda em meados de 1916.

A estratégia Aliada para o Sul em 1915 passa ainda pela tentativa de atrair os hesitantes, em particular três poderes: a Itália, a Grécia e a Roménia. Todos acabariam por entrar na guerra do lado Aliado, mas só a Itália nos próximos meses.

19 de Janeiro – Guerra Aérea. A Alemanha lança o primeiro ataque com Zepelins contra a Grã-Bretanha, com 2 a bombardearem Great Yarmouth e Lynn, de uma força de 3 que tinha Londres como alvo. O significado deste ataque no esforço de guerra britânico foi praticamente nulo (provocou 4 mortos e 16 feridos civis), mas o seu impacto na propaganda seria importante. A Grã-Bretanha era atacada por uma formação aérea pela primeira vez. Os defensores dos dirigíveis como a arma com futuro na guerra aérea salientavam que este facto mostrava a sua superioridade perante os aviões. Não podiam estar mais enganados. Na

realidade, já em Dezembro de 1914 um hidroavião Friedrichshafen da marinha alemã tinha lançado uma pequena bomba (7 kg) sobre o castelo de Dover, mas o raid de 19 de Janeiro é o primeiro feito por uma formação. É preciso esperar até 31 de Maio para Londres ser atacada pelo ar pela primeira vez pelo Zeppelin LZ38, que partiu de Bruxelas (7 mortes). A guerra aérea estratégica dava os seus primeiros passos, ainda muito modestos.



A Ilustração Portuguesa fazia eco do fascínio da aviação sobre a população na altura e, a 7 de Junho de 1915, publicava estas fotos de um dos mais impressionantes aviões de então: o quadrimotor russo Ilya Murometz, que, segundo garantia a revista de "O Século", actuava na Polónia contra os alemães. Esta última parte era um produto da imaginação jornalística, mas o grande avião russo mostrava efectivamente o que eram as potencialidades da aviação estratégica, concorrendo com os dirigíveis. O ar era uma das novas frentes de combate, juntamente com a profundidade dos Oceanos e com o electromagnetismo. A face da guerra mudava rapidamente.

24 de Janeiro – Mar do Norte, Dogger Bank – A marinha alemã organiza mais um raid contra as cidades britânicas. Estes faziam parte da estratégia naval alemã de procurar criar uma situação em que fosse possível surpreender e aniquilar uma parte isolada da esquadra britânica, atraída para uma emboscada ao procurar defender as cidades inglesas. Era uma estratégia muito arriscada, pois a superioridade naval inglesa no Mar do Norte era evidente e tudo dependia do domínio da informação e da sorte. Desta vez, a Royal Navy está preparada e uma força superior britânica surpreende o esquadrão de cruzadores de batalha do almirante Hipper no Dogger Bank. O SMS Blucher é afundado na luta desigual e o SMS Seydlitz sofre importantes avarias, o mesmo acontecendo com o cruzador de batalha britânico HMS Lion. O combate tem duas consequências: acaba de momento com os raids dos navios rápidos alemães contra as cidades inglesas e revela alguns dos defeitos de concepção dos cruzadores de batalha de ambos os lados, nomeadamente a fraca protecção dos paióis. Os alemães tomam de imediato medidas para corrigir este defeito, mas os britânicos não – iriam pagar um preço caro pela inacção na Batalha da Jutlândia.

26 de Janeiro – Egipto. A Turquia inicia o seu movimento na direcção do Canal do Suez através do Sinai. As primeiras unidades turcas chegam ao Canal a 2 de Fevereiro e logo iniciam os preparativos para o ataque (ver 3 e 4 de Fevereiro). Nesta mesma altura (2 de Fevereiro) a

Turquia atacava igualmente o protectorado de Aden, tentando fechar o Mar Vermelho. Eram operações que faziam parte das ofensivas iniciais Turcas, quando se acreditava que seria fácil derrotar as escassas forças britânicas no Médio Oriente.

30 de Janeiro – Frente Leste – O 9º Exército alemão do general Mackensen ataca as forças russas, avançando sobre Varsóvia. Pela primeira vez os alemães usam gás em larga escala.

3 de Fevereiro. Bulgária. Em resposta ao empréstimo de 5 milhões de libras da GB à Roménia, a Alemanha concede um empréstimo de 3 milhões de libras à Bulgária. Também os Poderes Centrais se preparam nos Balcãs, procurando eliminar a feroz resistência da Sérvia.

4 de Fevereiro – Guerra Naval – A Alemanha decreta que, a partir de 18 de Fevereiro, na zona à volta da Grã-Bretanha os navios podem ser afundados pelos submarinos sem aviso prévio. É o começo da primeira campanha submarina sem restrições da Alemanha. Trata-se ainda de um movimento experimental, uma concessão feita aos defensores da arma submarina para que esta prove quais as suas reais capacidades. Nesta altura a Alemanha só conta com uma reduzida força submarina (menor que a inglesa), mas lança um importante programa de construção de submarinos. Os poderes neutros protestam, a começar pelos EUA. O primeiro navio neutro atacado por um submarino nesta campanha será o norueguês SS Belridge, a 19 de Fevereiro. O primeiro afundado, será o sueco SS Hanna, a 13 de Março.

3 e 4 de Fevereiro – Egipto . Falha o ataque turco contra o Canal do Suez, lançado a partir do Sinai. Foi uma operação mal pensada e pior executada, com forças turcas muito insuficientes e mal equipadas, pelo que o resultado era previsível.

4 de Fevereiro – Frente Leste – Começa a ofensiva alemã na Prússia Oriental, à volta dos Lagos Masúria, que se prolonga até 22 de Fevereiro. Era um ataque de pequena envergadura que visava atrair as reservas russas, abrindo o caminho para a ofensiva maior que ia começar na zona de Varsóvia passados uns dias.

9 de Fevereiro. Frente Leste – Lançado um poderoso movimento de pinças sobre Varsóvia por 4 exércitos (3 alemães e 1 austríaco). O recuo russo será imenso (112 km) e são feitos mais de 90000 prisioneiros. É o primeiro e um dos maiores dos desastres russos no Leste, que vão marcar o ano de 1915. A Áustria lança uma ofensiva simultânea na Galícia em Fevereiro, mas aqui o avanço é modesto, sem conseguir levantar o cerco da guarnição austríaca de Przemyśl, que acabará por se render a 22 de Março, com 110000 prisioneiros. A situação no Leste é

assim contraditória nos primeiros meses: desastres russos na zona de Varsóvia contra a Alemanha, mas importantes vitórias contra a Áustria mais a Sul. Seria preciso esperar mais uns meses para que o domínio alemão se afirmasse de forma clara.

16 de Fevereiro a 17 de Março – Frente Ocidental. Ofensiva francesa na zona de Champahe. Mais um ataque inútil, com baixas superiores do lado Aliado.

16 de Fevereiro. Grécia. Os Aliados fazem várias propostas à Grécia para ajudar a Sérvia, prometendo grandes ganhos territoriais depois da guerra. Neste dia o Gabinete de Guerra Britânico aprova o envio da 29ª Divisão para Salónica.

19 de Fevereiro – Dardanelos – Uma força naval britânica bombardeia os fortes russos na entrada dos Dardanelos, como um movimento exploratório do ataque principal em preparação. A operação leva os turcos a reforçar as defesas, o que contribuiu para o falhanço do ataque principal, lançado um mês depois. A 23 de Fevereiro, os Aliados tomam a ilha de Lemnos, no Mar Egeu, que servirá de base para as operações futuras. A 25 e 26 de Fevereiro, uma pequena força naval Aliada bombardeia de novo os fortes da entrada dos Dardanelos. Os Turcos tiveram um amplo aviso da operação em preparação e a Alemanha enviou de imediato conselheiros militares para reorganizar as defesas.

26 de Fevereiro. Frente Ocidental. Mais uma novidade técnica. Os alemães usam pela primeira vez lança-chamas.

6 de Março. Grécia. O Governo de Venizelos tinha oferecido aos Aliados a beligerância do seu País em troca de amplas cedências territoriais depois da guerra. O Rei retira-lhe o apoio, provocando a sua demissão. A situação vai-se manter tensa e pouco clara, justamente na altura em que as tropas Aliadas se preparam para ocupar Salónica. Os Aliados estão igualmente a ocupar ilhas no Egeu que, ou pertencem à Grécia, ou são por ela reclamadas, como acontece com Lemnos. A 9 de Março o toma posse o novo Governo Grego, encabeçado por M. Gounaris.

7 de Março – África Ocidental Alemã – Começa finalmente a esperada ofensiva Sul-Africana sobre a colónia alemã. O general Botha, conseguiu reprimir os boers revoltados e montou um ataque com 43000 homens, a que se opõe uma força militar alemã de escassos 9000 homens (só umas centenas de alemães e os restantes africanos). A coluna principal sul-africana é comandada directamente por Botha e inicia a progressão a 18 de Março.



Ilustração Portuguesa, 2 de Agosto de 1915. Metralhadoras e equipamento capturado pelos sul-africanos aos alemães na Sudoeste Alemão, a Sul de Angola.

10 a 13 de Março – Frente Ocidental – O 1º Exército do general Haigh ataca na zona de Neuve Chapelle, no que seria o futuro sector português. A ofensiva dura escassos três dias e traduz-se num pequeno avanço de 1000 metros, com a conquista de Neuve Chapelle, em troca de cerca de 12000 baixas para cada lado. O RFC (Royal Flying Corps) usa táticas inovadoras nesta ofensiva, com aviões a regularem o tiro da artilharia, um sistema de fotografias aéreas em mosaico da zona alemã e patrulhas aéreas permanentes sobre as tropas britânicas durante os ataques destas. Era a maturidade do avião no apoio tático, que surgia ao mesmo tempo dos primeiros ensaios de uma guerra aérea estratégica e da utilização do avião na guerra naval (ver 15 de Março) – a aviação afirmava-se como uma arma essencial no futuro.



Ilustração Portuguesa de 15 de Maio de 1915. Trincheiras inglesas ainda rudimentares na zona de Neuve Chapelle, para onde iria o CEP português em 1917. De momento, a Grã-Bretanha conquistava a povoação aos alemães.

14 de Março – Guerra Naval. A Royal Navy afunda o cruzador ligeiro HMS Dresden, perto da costa do Chile. É o último navio de guerra da Alemanha que estava fora dos portos alemães quando a guerra começou. Era o fim da aposta alemã em forças rápidas de superfície que pudessem colocar em perigo a navegação Aliada e a confirmação da correcção da estratégia britânica do bloqueio das saídas do Mar do Norte. A partir de agora, só os navios mercantes alemães disfarçados e armados (chamados normalmente e incorrectamente de “corsários”) continuariam a actuar dissimuladamente nos Oceanos do Mundo, sendo mais um incomodo que uma ameaça.

15 de Março – Guerra Naval. O primeiro navio mercante atacado por um avião: o SS Blonde. Era mais uma “primeira vez”, uma situação que se repete ao longo de 1915. A 28 de Março, por exemplo, será afundado por um submarino o primeiro paquete (o SS Falaba).

18 de Março – Dardanelos – Começa a operação naval Aliada nos Dardanelos, tentando forçar a sua passagem. Os Dardanelos são um estreito longo, dominado em ambas as margens por terreno alto da Turquia, onde estão inúmeros fortes e baterias que protegem os campos de minas colocados na passagem marítima. O ataque Aliado é exclusivamente naval: uma imensa força com nada menos de 16 couraçados franceses e britânicos (quase todos antiquados pré-Dreadnought, mas incluindo um dos mais modernos couraçados britânicos), avança lentamente pelo estreito, neutralizando com o seu poder de fogo os fortes turcos um por um. Uma vez os fortes neutralizados, os pequenos draga-minas tentam abrir uma passagem nos densos campos de minas do Estreito, permitindo a continuação da progressão dos couraçados.

Se a esquadra conseguisse passar o estreito, Constantinopla ficaria à mercê da sua artilharia e, possivelmente, seria evacuada pelos turcos. Isto seria uma imensa vitória, esperando Wiston Churchill que seria suficiente para atrair os pequenos poderes hesitantes para o lado Aliado (Grécia e Roménia) e impedir o apoio da Bulgária aos Poderes Centrais, para além de abrir uma ligação com a Rússia e cortar o caminho de ferro de Berlim a Bagdad. É de notar que a Rússia, num telegrama de 4 de Março, tinha já indicado à França e Grã-Bretanha que reclamava a anexação de Constantinopla no tratado de paz, com o estas tinham concordado.

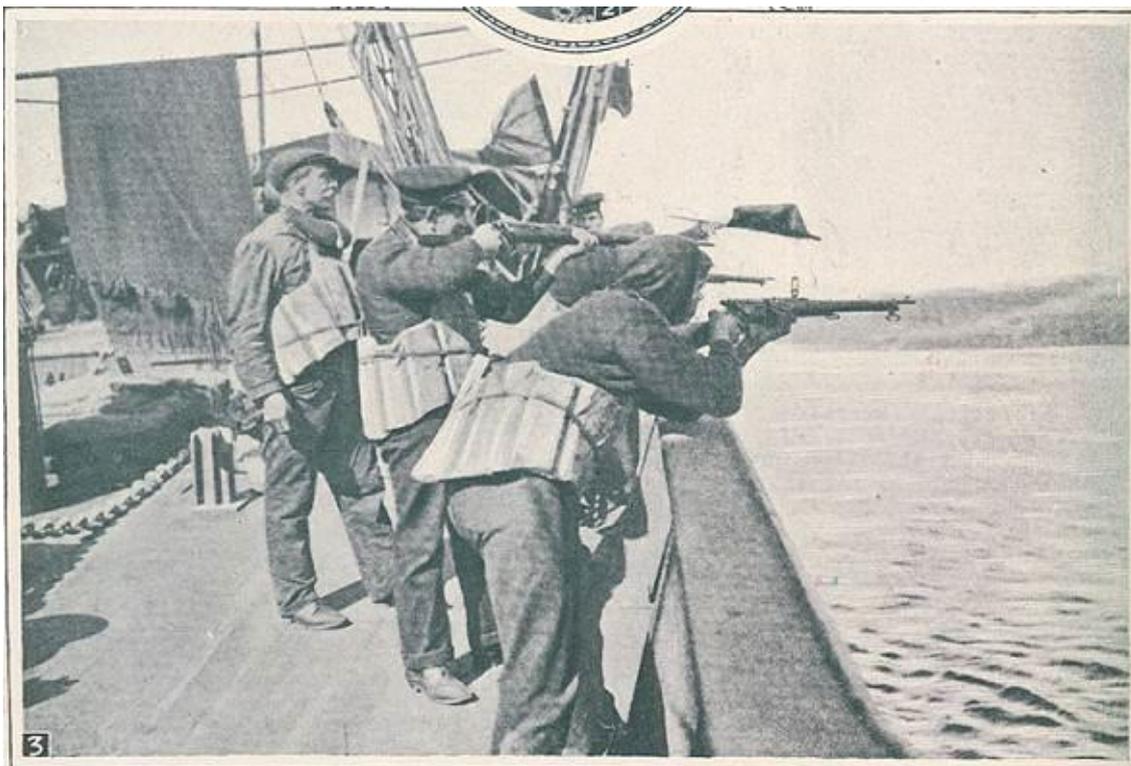


Ilustração Portuguesa de 15 de Maio de 1915. Marinheiros de um navio Aliado disparam contra minas flutuantes nos Dardanelos. A guerra de minas era nesta altura muito rudimentar, o que foi a principal razão porque a operação naval nos Dardanelos falhou. O método mais usual era o de fazer passar um pequeno navio com um aparelho que cortava as ligações das minas presas ao fundo. Quando estas flutuassem livremente na superfície, a sua explosão era provocada com tiros de espingarda.

O plano Aliado parece de início ser bem sucedido e os primeiros fortes turcos são efectivamente silenciados pela poderosa artilharia da esquadra. O combate intensifica-se na zona mais estreita e densamente defendida, mas também aqui a esquadra Aliada se parece impor e, embora o seu comando não o saiba, num determinado momento a resistência turca está prestes a entrar em colapso, nomeadamente pelo esgotamento das munições. Simplesmente, é nessa altura que, em rápida sucessão, três couraçados Aliados (o Francês Bouvet e os britânicos Irresistible e Ocean) são afundados ao chocarem contra minas de um campo desconhecido, enquanto outros três são avariados. Isto leva à decisão precipitada de mandar retirar a esquadra.

Os Aliados tinham desperdiçado a sua melhor oportunidade de obter uma vitória decisiva e fulminante contra a Turquia. A resistência dos fortes turcos estava a pontos de se esboroar e uma operação melhor preparada ou levada a cabo com mais determinação, poderia ter permitido à esquadra passar o Estreito e ameaçar a capital turca que tinha defesas débeis do lado do mar. Os 10 couraçados que ainda estavam operacionais quando a operação foi cancelada, teriam sido mais que suficientes para aniquilar a débil marinha turca. Um dos motivos que levou à retirada da esquadra, é que os Aliados tinham decidido previamente que, se a operação exclusivamente naval falhasse, seria lançado um desembarque em Galipolli (a Península que controla a margem Oeste do Estreito dos Dardanelos), para conquistar os fortes turcos por terra. A Turquia reforça entretanto as defesas, mandando para a zona 60000

homens, comandados pelo general alemão Von Sanders (25 de Março). Estava criado o cenário do que seria um dos grandes desastres Aliados em 1915.



Ilustração Portuguesa de 12 de Abril de 1915. Esquadra Aliada nos Dardanelos.

Abril a Novembro – Arménia – Pressionados no Cáucaso, no Iraque e nos Dardanelos, os turcos decidem acabar com o perigo Arménio, sabendo que a Rússia e os Aliados lhes faziam promessas para fomentar a sua rebelião. Entre Abril e Novembro começa uma campanha de eliminação dos grupos armados na Arménia, que resvala em várias ocasiões para uma campanha de extermínio. Calcula-se que mais de 600 mil arménios desaparecem nestes meses, enquanto outro meio milhão é deportado para a Mesopotâmia, a Sul. O extermínio dos Arménios continua no território russo do Cáucaso ocupado pela Turquia.

3 de Abril – Mar Negro. O cruzador de batalha Goeben, com bandeira turca mas guarnição alemã, enfrenta navios russos no Mar Negro, num combate indeciso. A Rússia conta com uma numerosa esquadra no Mar Negro, mas o Goeben é melhor que qualquer dos seus navios, sobretudo se operar sozinho, de modo a manter-se fora do alcance dos navios russos (os poucos cruzadores turcos são mais lentos, pelo que não podem operar em conjunto).

3 de Abril. Guerra Submarina. A Royal Navy está preocupada com a inesperada dimensão da ameaça submarina e começa a tomar medidas de grande envergadura. Neste dia é completada a barragem de minas no estreito de Dover, que deve impedir os submarinos alemães de alcançarem o Atlântico via Canal da Mancha. Ambos os lados colocam milhares de minas no

Mar do Norte; a Alemanha para proteger as suas costas; a Grã-Bretanha para dificultar os acessos dos submarinos ao Atlântico. São experimentadas algumas novidades, como as redes flutuantes sustentadas por bóias, que descem a mais de 200 m de profundidade carregadas de pequenas minas contra os submarinos.

5 de Abril – Frente Ocidental – Ofensiva francesa na zona de Argonne onde se empenham o 1º e o 3º Exércitos. Os resultados são os normais: um pequeno avanço com grandes baixas dos atacantes. Os alemães acusam a França de ter sido a primeira a usar gases na Frente Ocidental nesta ofensiva, a 14 de Abril.

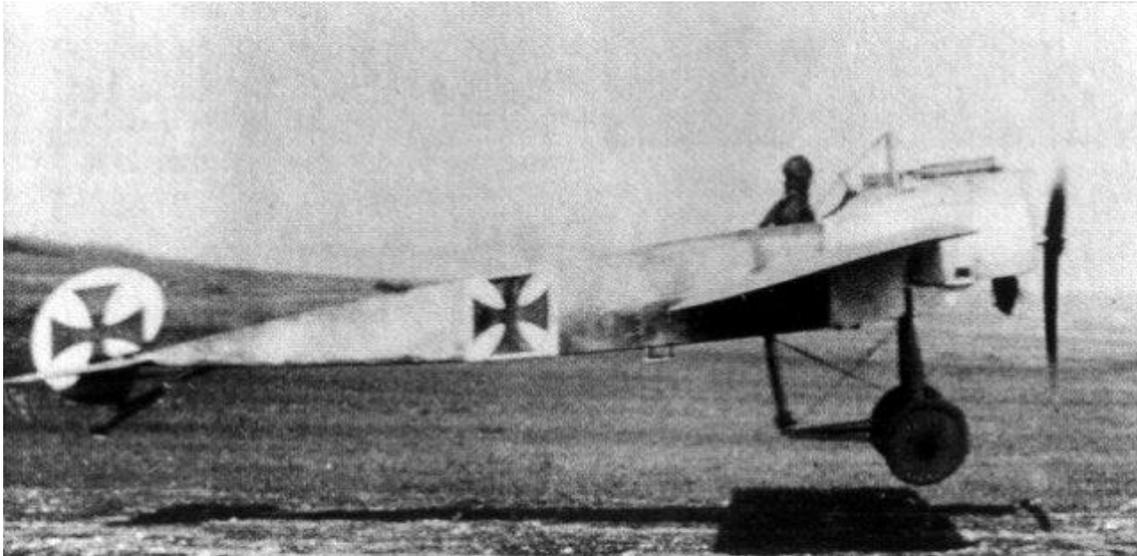
12 de Abril – Médio Oriente – Os Turcos lançam uma contra-ofensiva na Mesopotâmia com uma forte superioridade numérica, mas são derrotados em pouco tempo.

13 de Abril – Alemanha – O Imperador Guilherme II intervém directamente para resolver o debate estratégico em curso. É reforçada a decisão de centrar o esforço militar no Leste, enquanto no Ocidente se aposta na campanha submarina. Transferem-se 8 divisões do Ocidente para o Leste e é criado um novo 11º Exército, preparando-se uma grande ofensiva que explore os sucessos já conseguidos na região de Varsóvia.

19 de Abril – Guerra Aérea – Um “ovo de Colombo” técnico fará uma grande diferença no futuro da guerra aérea. A Fokker desenvolve um sistema simples que permite a uma metralhadora disparar no intervalo da passagem das pás da hélice, o que significa que os aviões podem receber um armamento colocado no centro de gravidade que dispara para a frente. É o nascimento do moderno caça. Os Fokker E1 com metralhadoras por cima do motor vão dominar a guerra aérea nos próximos meses, abatendo centenas de aparelhos aliados. Destaca-se em 1915 o nome de Max Immelman, o principal piloto alemão deste período, criador de muitas das futuras manobras da guerra aérea.



Max Immelman no seu Fokker E, o avião que domina os ares na Frente Ocidental em 1915. Fonte Wikipedia.



Um monoplano Fokker E.1 levanta voo. Fonte Wikipedia.

22 de Abril – Frente Ocidental – A Alemanha lança uma das suas poucas ofensivas no Ocidente, procurando antecipar o esperado ataque aliado na zona do saliente de Ypres – é usado gás cloro em larga escala pela primeira vez na Frente Ocidental (os alemães afirmam que a França o tinha já usado a 14 de Abril em pequena escala) . A surpresa do gás causa inicialmente uma brecha de 8 km na frente, pela precipitada retirada dos franceses, que ocupavam o flanco esquerdo do sector britânico. Um soldado britânico do Queen’s Victoria Rifles, que sofreu o primeiro bombardeamento com cloro, refere a debandada de homens, mulas e cavalos diante do “nevoeiro amarelo-acinzentado” que se espalhava lentamente provocando a asfixia e a cegueira (a Alemanha lançou 168 toneladas de cloro numa frente de 4 milhas, usando 5700 cilindros). Os Canadianos sofrem igualmente um ataque com gás, mas resistem melhor, improvisando máscaras com tecido molhado em água ou urina, de modo a proteger as vias respiratórias. A Alemanha, porém, não conta com reservas que possa lançar na brecha e a frente não tarda a refazer-se com violentos contra-ataques Aliados. A ofensiva inclui quatro batalhas: o ataque inicial alemão na batalha da crista de Gravenstafel; os três contra-ataques Aliados, em St Julian (24 de Abril), crista de Frezenburg (8 de Maio) e Bellewarde (24 de Maio). A luta intensa prolonga-se até 25 de Maio, traduzindo-se em baixas pesadas para os Aliados (só o BEF teve 58000, por comparação com 38000 alemães) e num pequeno avanço. Era a segunda vez que os alemães tentavam um envolvimento pelo flanco do dispositivo aliado e falhavam, embora tivessem criado uma situação complicada aos britânicos.



Ilustração Portuguesa de 15 de Julho de 1915. Infantaria Aliada desembarca em Galipoli.

25 de Abril – Galipoli (Dardanelos). Depois do falhanço da operação naval, os Aliados desembarcam na ponta da Península de Galipoli, apostando num avanço por terra que permita conquistar os fortes turcos e abrir o caminho à esquadra. A força de 30000 homens empenhada nos três desembarques é multinacional: o contingente britânico desembarca em Helles, na ponta da península; o contingente mais numeroso é Australiano e Neo-Zelândes (ANZAC), desembarcando em Burna, a norte de Helles; os franceses organizam um terceiro desembarque de uma pequena força no outro lado dos Dardanelos, como uma manobra de diversão para desviar as reservas turcas. É uma das maiores operações anfíbias da guerra. Os turcos tinham-se preparado desde há meses para um ataque deste género, aconselhados pelos alemães, pelo que as suas defesas são fortes. O avanço aliado inicial é lento e cauteloso, sendo detido ao fim de escassos 3 a 4 km, sem conseguir ocupar o terreno alto, um objectivo essencial. Seguem-se meses de uma típica guerra de trincheiras, com os turcos em vantagem por ocuparem terreno alto e terem o apoio da artilharia pesados dos fortes. As baixas Aliados crescem, sem qualquer progresso no terreno. Destaca-se do lado turco a acção de Mustafa Kemal, que organiza os contra-ataques decisivos para manter o terreno alto – seria o chefe da revolução depois da guerra e o fundador da moderna Turquia. A Alemanha manda para a zona alguns dos seus submarinos e o U-21 consegue algumas vitórias extraordinárias: afunda o couraçado britânico Triumph, a 25 de Maio, repetindo a proeza com o Majestic, a 27.

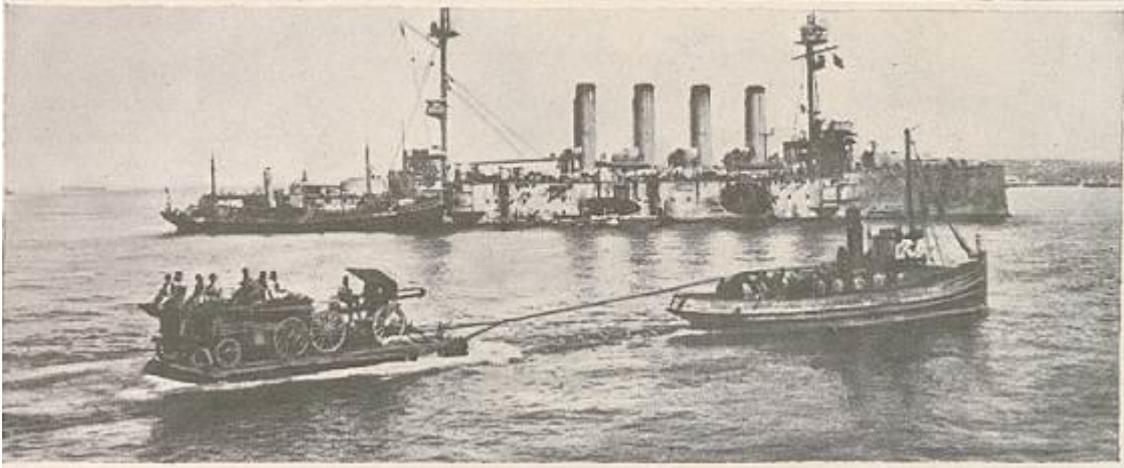


Ilustração Portuguesa de 15 de Junho de 1915. Uma peça de artilharia Aliada desembarque nos Dardanelos. Os Aliados ainda não contam com navios de desembarque especializados, pelo que tudo é improvisado, com pequenos vapores a rebocarem pontões incapazes de resistir a um mar um pouco mais picado.

26 de Abril – Pacto de Londres – Os Aliados ocidentais assumem uma ampla série de compromissos para procurar obter o apoio dos poderes hesitantes do Mediterrâneo, o que coincide com o seu ataque nos Dardanelos. As maiores promessas são feitas à Itália (ver 25 de Maio), mas os eslavos do Império Austríaco, a Grécia e a Roménia são igualmente contemplados. A Grécia nomeadamente receberia uma importante fatia da Albânia e da Bulgária (caso esta apoiasse os Poderes Centrais), em troca da permissão do avanço Aliado para Norte a partir de Salónica. No resto da Albânia, devia formar-se um estado islâmico, controlado pela Itália, que controlaria igualmente a zona dos Dardanelos, caso o Império Turco fosse dividido no final do conflito - era uma promessa contraditória com o compromisso anglo-francês de ceder Constantinopla à Rússia depois da guerra, mas de momento ninguém se preocupa com isso. Só uma parte destes compromissos seria respeitada no final, mas eles foram suficientes para trazer a Itália e a Grécia para a guerra ao lado dos Aliados. Os Poderes Centrais fazem, em contrapartida, generosas promessas à Bulgária para conseguir a sua adesão, tal como tinham já feito em 1914 à Turquia.

1 de Maio – Frente Leste – Começa a grande ofensiva dos Poderes Centrais com um ataque concêntrico na direcção de Gorlice e Tarnow. Nas primeiras horas os atacantes avançam 45 km e o 3º Exército Russo é desfeito. Todo o terreno anteriormente conquistado pela Rússia na Galícia é recuperado.

7 de Maio – Atlântico – O paquete Lusitânia é afundado sem aviso prévio por um submarino alemão. Entre as vítimas estão 124 passageiros americanos, provocando fortes protestos de Washington.

9 de Maio – Frente Ocidental. Parte para França a primeira divisão do “Novo Exército” britânico resultante da mobilização de guerra. A Grã-Bretanha passava rapidamente para um “exército de massas”, contrariando séculos da sua prática anterior em guerras globais.

9 de Maio a 18 de Junho – Frente Ocidental – Começa a grande ofensiva francesa no Artois (conhecida como “2ª batalha do Artois), com uma barragem inicial de seis dias onde se empenham mais de 1200 peças, algo nunca antes experimentado. O ataque prolonga-se por cinco semanas. O resultado final é um pequeno avanço francês, obtido à custa de 100000 baixas (60000 baixas para os alemães). Ao mesmo tempo, o 1º Exército Britânico, comandado pelo general Haigh, ataca em Neuve Chapelle no contexto da 2ª batalha de Ypres– a ofensiva britânica só dura 24h e provoca 11600 baixas, sendo renovada a 15 de Maio, desta vez com a novidade de um ataque noturno, mas sem resultados significativos. A 2ª batalha de Ypres, provoca no final 58000 baixas inglesas, 10000 francesas e 35000 alemãs, sem alteração significativa da linha da frente. A estratégia defensiva alemã no Ocidente estava a produzir resultados satisfatórios, com baixas que eram cerca de metade das do atacante.

12 de Maio – África Ocidental Alemã (Namíbia) – Os Sul-Africanos capturam Windhoek, a capital da colónia. A resistência alemã ainda se vai prolongar.

23 de Maio – Frente Italiana – A Itália declara guerra à Áustria-Hungria (mas não à Alemanha), tornando-se beligerante do lado Aliado, ao contrário das expectativas iniciais. O General Cadorna é nomeado comandante em chefe do Exército Italiano, Por detrás desta decisão estavam generosas promessas Aliadas, feitas no pacto secreto assinado em Londres a 26 de Abril. Os Aliados prometiam entregar à Itália o Tirol do Sul, Trieste e a península da Istria, bem como grande parte da costa da Dalmácia; prometiam igualmente criar um estado eslavo no Sul, que abarcaria a Eslovénia e a Bósnia (mais uma vez ao Aliados faziam promessas que contrariavam os seus anteriores compromisso, pois tinham já prometido ceder toda a costa da Dalmácia à Sérvia). Para os Aliados era mais uma forma de retirar pressão sobre a Rússia, obrigando a Áustria e mesmo a Alemanha a desviar forças para a nova frente. O esforço italiano estará centrado no rio Isonzo, na zona da planície costeira, pois a frente a Norte passa pelo terreno montanhoso das Dolomitas, onde qualquer ofensiva seria facilmente detida. No Isonzo, a Itália vai lançar em dois anos nada menos de 11 ofensivas contra a Áustria, nenhuma delas conseguindo quebrar a resistência inimiga e alcançar o porto de Trieste.

Junho – Frente Ocidental – Joffre apresenta os seus planos para a segunda metade do ano: mais ofensivas aliadas convergentes a partir de Artois e Champagne, com o objectivo de erodir a Alemanha e aliviar a pressão sobre a Rússia. A Grã-Bretanha é muito relutante em aceitar esta estratégia francesa, tendo nomeadamente em conta o esforço que desenvolve em Galípoli (Turquia) e no Médio Oriente, mas acaba por ceder e aceita participar nas ofensivas

aliados planeadas para o Outono. O BEF esta a crescer rapidamente a alarga o sector sob sua responsabilidade.

7 de Junho. Guerra Aérea. Pela primeira vez um avião abate um dirigível. O Zepellin LZ-37 é abatido pelo tenente da RNAS Wameford, perto de Gant.

29 de Junho – Frente da Itália. 1ª ofensiva italiana no Isonzo com o empenhamento de 200000 efectivos. O objectivo é capturar Trieste, mas o avanço é muito limitado, terminando o ataque a 7 de Julho.

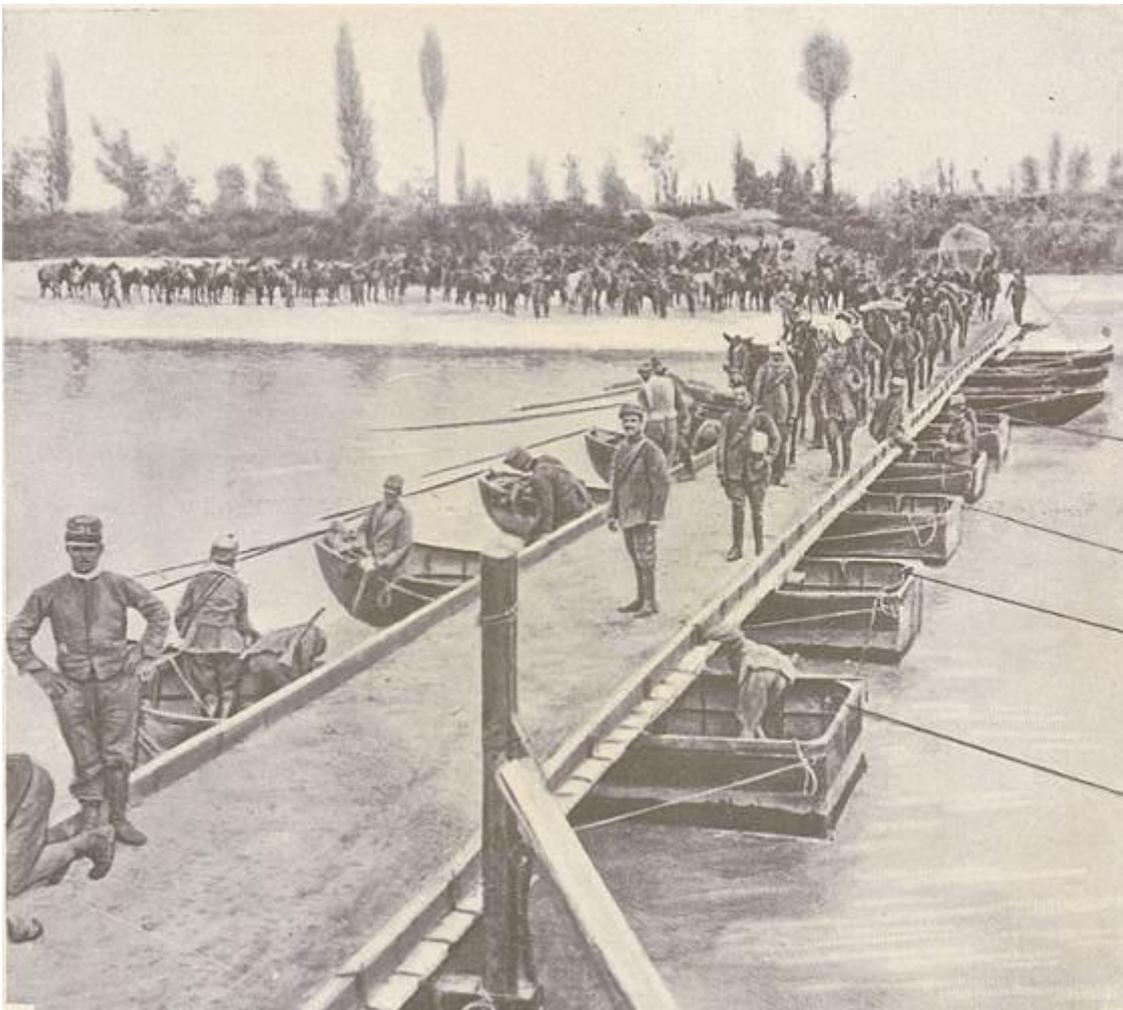


Ilustração Portuguesa de 15 de Julho de 1915. Uma ponte da engenharia militar italiana no Rio Isonzo. A entrada da Itália na guerra tem grande importância para Portugal, pois leva a Grã-Bretanha a aceitar melhor a ideia de uma sua beligerância, passando a temer-se menos o que poderia ser uma reacção espanhola.

JULHO – Aden – A Turquia ocupa parte do protectorado de Aden, no sul da Arábia, numa das suas poucas vitórias no Médio Oriente. Os Turcos tentam igualmente ocupar a ilha de Perin, a partir da qual esperam controlar o estratégico estreito de Bab el Mandeb dominado pela Grã-Bretanha (controla a rota do Mar Vermelho e do Suez), mas aqui falham, sendo repelidos por um contra-ataque britânico. O avanço turco em Aden fomenta a revolta árabe que, de momento, tem como principais focos os emires de Ryad e Asir, na Arábia. A partir de Junho de 1916, o sherif de Meca levanta o estandarte da guerra santa contra os turcos, dando início à fase mais intensa da revolta árabe. Esta coloca um delicado problema à Grã-Bretanha, interessada em criar dificuldades à Turquia, mas sem fomentar a união dos Árabes depois da guerra.

2 de Julho – Economia de Guerra. Criado o “Ministry of Munitions” na Grã-Bretanha, com a missão prioritária de abastecer a Frente Ocidental em munições de artilharia, cuja falta se tinha feito sentir nos meses anteriores. A própria Grã-Bretanha, o grande baluarte das ideias liberais, recorria ao planeamento do Estado para colocar a economia em pé de guerra.

9 de Julho – África Ocidental Alemã (Namíbia) – Rendem-se os últimos focos de resistentes alemães. As campanhas portuguesas em Angola continuam até ao final da guerra para pacificar as populações revoltadas.

11 de Julho. África Oriental Alemã. O cruzador Konigsberg, que se tinha refugiado no rio Rufiji para escapar à esquadra Aliada no Índico, é destruído por uma acção de monitores britânicos.

12 de Julho – Guerra Naval. Mais uma “primeira vez”: o primeiro navio afundado por um torpedo lançado por um hidroavião britânico.

13 de Julho – Frente Leste – Começa a grande ofensiva alemã na Polónia. Será um imenso sucesso. Os alemães ocupam Varsóvia a 5 de Agosto e o colapso russo é evidente, com uma retirada de todo o dispositivo de centenas de quilómetros. Em Agosto, o Czar Nicolau II assume directamente o comando do Exército, demitindo o Grande Duque Nicolau e aposta numa estratégia de retirada que permita reconstituir a abalada frente. Brest-Litovsk é conquistada a 25 de Agosto, deixando quase toda a Polónia nas mãos dos alemães.



Ilustração Portuguesa, 15 de Setembro de 1915. Cavalaria alemã atravessa uma ponte perto de Varsóvia no contexto do grande avanço contra a Rússia.

17 de Julho – Bulgária - A Bulgária, influenciada pela resistência bem sucedida em Galipoli e pelas vitórias alemãs no Leste, compromete-se a entrar na guerra ao lado dos Poderes Centrais – foram-lhe prometidas várias regiões depois da guerra, entre as quais a Albânia. É planeado um ataque concêntrico sobre a Sérvia, com a Áustria avançar pelo Norte, apoiado pela Bulgária a partir do Leste, de modo a conquistar finalmente o pequeno estado. A Bulgária decreta a mobilização a 6 de Setembro, quando prepara o ataque à Sérvia. Os Aliados conhecem estes preparativos, mas a campanha de Galipoli, que marca passo sem resultados, impede que desviem recursos para Salónica, o único movimento que poderia dissuadir a Bulgária.



Ilustração Portuguesa de 15 de Outubro de 1915. Artilharia da Bulgária apoia o avanço em território da Sérvia.

18 de Julho – Frente da Itália – A Itália lança a sua 2ª ofensiva no Isonzo, mais uma vez tendo como objectivo a captura de Trieste. A luta dura até 3 de Agosto e o avanço italiano é quase nulo – 42000 baixas italianas e 46000 austríacas.

24 de Julho – Médio Oriente – A Grã-Bretanha continua a avançar lentamente na Mesopotâmia na direcção de Bagdad, criando-se agora uma segunda coluna que segue o vale do rio Eufrates e derrota os turcos em Nasiria, de modo a apoiar a força principal no rio Tigre.

6 de Agosto – 2º Desembarque em Galipoli – Com os Aliados contidos na ponta Sul da Península, é decidido efectuar um segundo desembarque em Galipoli, desta vez a meio da Península, na zona da baía de Suvla. Mais uma vez o plano inicial é bom, mas a lentidão e excessiva cautela do avanço inicial deita tudo a perder, permitindo aos turcos consolidarem-se no terreno alto e criarem defesas fortes, que se revelariam impossíveis de ultrapassar. É a segunda força ANZAC (Austrália e Nova Zelândia) “engarrafada” em Galipoli, incapaz de avançar e castigada permanentemente a partir de um terreno mais alto. As forças turcas comandadas por Mustafa Kemal lançam uma série de contra-ataques que confirmam o domínio do terreno alto. A chegada do rigoroso inverno prejudica ainda mais as sacrificadas forças Aliadas e, a 10 de Novembro, Lord Kitchener propõe a retirada – Churchill, um dos maiores defensores da operação, tinha sido entretanto afastado do cargo de 1º Lord do Almirantado. Os Aliados retiram dos Dardanelos entre Dezembro de 1915 e Janeiro de 1916.



Ilustração Portuguesa de 2 de Agosto de 1915. Artilharia britânica em acção em Galipoli.

8 de Agosto. Dardanelos. O cruzador blindado turco Hairedine é afundado pelo submarino britânico E-11. Alguns submarinos britânicos conseguem ultrapassar os campos de minas turcos nos Dardanelos e chegam ao Mar Negro. Não são só os submarinos alemães que conseguem feitos notáveis. A 18 de Agosto, para dar outro exemplo, o cruzador de batalha Moltke é torpedeado no Báltico pelo submarino HMS E-1.

26 de Agosto – Guerra Naval – Perante o perigo de uma entrada dos EUA no conflito, a Alemanha recua a ordena o fim da 1ª campanha submarina sem restrições. A partir de agora os submarinos são obrigados a parar os navios mercantes e providenciar a retirada da guarnição antes de os afundar, o que reduz muito a sua eficácia. A Marinha alemã tem um importante sector que critica esta decisão, defendendo que a arma submarina é a única que pode derrotar os poderes ocidentais, desde que actue sem restrições. A decisão de Agosto é um compromisso: a campanha submarina é travada, mas a prioridade para a construção de submarinos continua. O Estado-Maior Naval defende que uma força de 200 submarinos pode derrotar a Grã-Bretanha em seis meses de campanha sem restrições. A decisão de momento é a de esperar até uma tal força exista – só depois se tomará uma decisão sobre o seu uso.

18 de Setembro – Frente Leste. A Alemanha captura Vilna, ponto culminante da grande ofensiva lançada em Varsóvia três meses antes. A Rússia recuou mais de 400 km e teve baixas gigantescas (mesmo na escala da 1ª Guerra Mundial) de 2 milhões. A aposta alemã de concentrar o esforço do Leste está a dar resultados e a Rússia sofreu um imenso golpe, que será muito difícil de recuperar. O Grande Duque Nicolau, que comandava as forças russas no Leste, foi afastado para a frente do Cáucaso.

25 de Setembro – Frente Ocidental – Começam em simultâneo três grandes ofensivas Aliadas no Ocidente: uma francesa na zona de Champagne; outra, igualmente francesa, no Artois; a terceira, britânica, na zona de Loos, com uso de gás. Eram uma tentativa de aliviar a pressão sobre a Rússia e obter uma vitória decisiva no Ocidente, que tinha sido prometida pelos chefes militares.

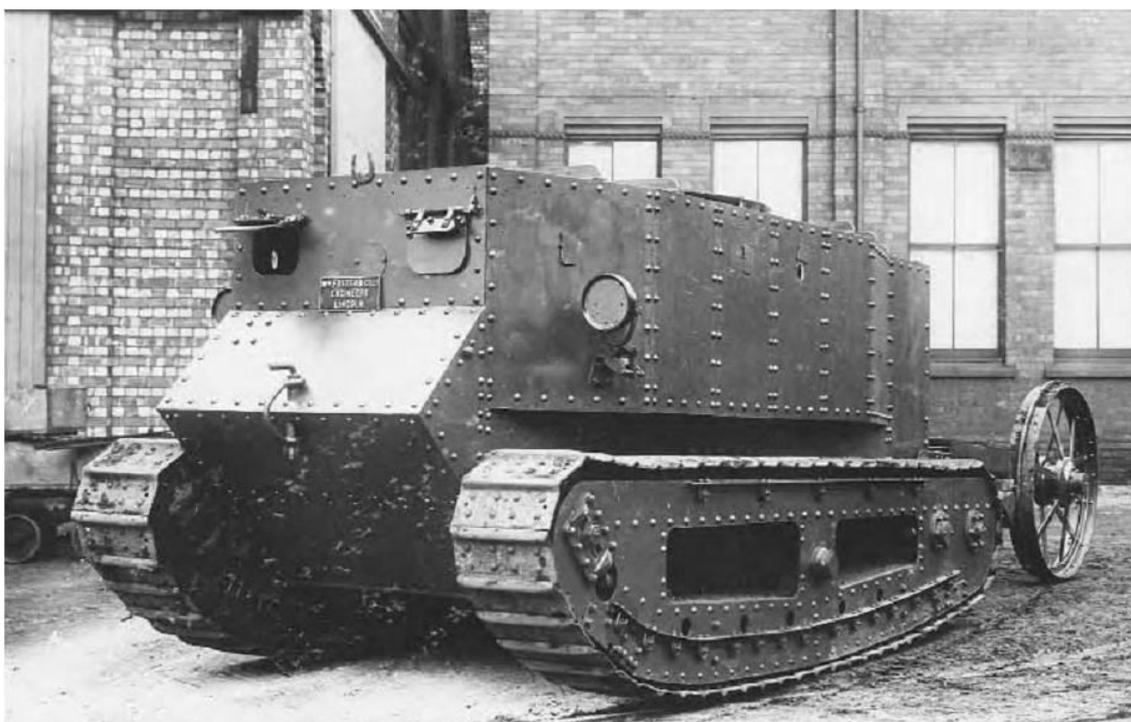
Os resultados iniciais são encorajadores, mas os franceses não conseguem passar a segunda linha das defesas alemãs e as tentativas de o fazer são mortíferas. No final, a França regista 144000 baixas, contra as 85000 da Alemanha.

No mesmo dia (25 de Setembro) o BEF inicia a sua ofensiva em Loos, mais a Norte. O ataque dura até 14 de Outubro e, no final, os Aliados tem 98000 baixas (50000 britânicas e 48000 francesas) e os alemães 56000.

As ofensivas Aliadas de Outono, em que se tinham depositado tantas esperanças, tinham falhado, provocando uma chuva de recriminações sobre os responsáveis. O uso de grandes meios, com barragens de artilharia gigantescas e ataques concentrados, permitiam

normalmente conquistar as primeiras posições do inimigo, mas este fazia afluir as reservas e consolidava a segunda linha de defesa, passando em seguida ao contra-ataque. Nenhuma ofensiva se tinha traduzido num avanço significativo e consolidado, sendo evidente em todas que o atacante tinha baixas normalmente muito superiores. O general French será afastado do comando das forças britânicas em França, substituído por Haigh a 19 de Dezembro, mas Joffre mantém-se à frente das forças francesas. Joffre e Haigh encontram-se em fins de Dezembro e decidem renovar as ofensivas simultâneas em 1916 na zona do rio Somme. Era mais do mesmo.

SETEMBRO – Tecnologia Militar. Começam as experiências secretas na Grã-Bretanha com o “Little Willie”, o protótipo do futuro tanque (chamado inicialmente de “No 1 Lincoln Machine”, pois usava o chassis de um tractor agrícola Lincoln). É o chassis de um tractor agrícola de lagarta, onde se montou uma caixa blindada, ainda sem armamento e incapaz de transpor uma trincheira, como os generais britânicos queriam. Aparentemente é uma mera curiosidade, sem relevo ou importância, um produto da imaginação técnica que pouco importa para o futuro. Na realidade, é o primeiro passo da grande transformação da arte da guerra terrestre no século XX.



O “Little Willie” de 1915. Basta um olhar para perceber que se trata de um tractor agrícola com uma caixa blindada rebitada à volta de uma armação improvisada. Não podia haver nada mais artesanal e simples, mas era o primeiro passo de uma grande mudança. O nome, segundo tudo indica, seria um aproveitamento humorístico do Kaiser da Alemanha (Guilherme).

27 de Setembro – Grécia – A Grécia concorda com a ocupação de Salónica, com a condição de serem enviadas pelo menos 150000 homens. As negociações foram demoradas, difíceis e com fortes reservas. O plano era avançar rapidamente para Norte, de modo a apoiar a Sérvia antes da ofensiva dos Poderes Centrais, com o apoio da Bulgária. Era muito pouco e muito tarde, apesar de os Aliados terem começado a desviar forças de Galipolli para a Grécia a partir de Setembro. Na realidade, as primeiras tropas Aliados só desembarcam em Salónica a 2 de Outubro, enquanto a ofensiva de larga escala dos Poderes Centrais contra a Sérvia é lançada a 6 desse mês.

27 de Setembro – Médio Oriente – Ataque britânico na Mesopotâmia permite mais um passo na direcção de Bagdad. A posição turca em Kut-el-Amara é conquistada e os britânicos avançam para Bagdad, que fica a pouco mais de 30 km. Os Turcos decidem enviar importantes reforços para a Mesopotâmia, pois têm consciência que a perda de Bagdad provocaria um amplo levantamento do mundo árabe.

3 de Outubro – Grécia. As tropas Aliadas começam a desembarcar em Salónica. O Governo Grego, que não declarou guerra aos poderes centrais, apresenta um protesto formal para manter as aparências, mas não esboça qualquer resistência, tendo o Governo concluído um acordo secreto com os Aliados. O Rei da Grécia retira o apoio ao Governo de Venizelos, que se demite pela segunda vez. O Rei assegura aos Aliados que pretende manter a neutralidade, enquanto declara a mobilização parcial. O novo Executivo grego declara a “neutralidade armada a 8 de Outubro. A Grécia mantém uma presença militar em Salónica, recusando retirar as suas forças como os Aliados pedem, mas estas limitam-se a conviver com o corpo expedicionário, sem esboçar qualquer acção ofensiva. Em fins de 1915, a Bulgária e a Grécia vão mesmo assinar um acordo onde estabelecem uma “zona neutra” na fronteira entre a Grécia e a Sérvia, ocupada por forças búlgaras.

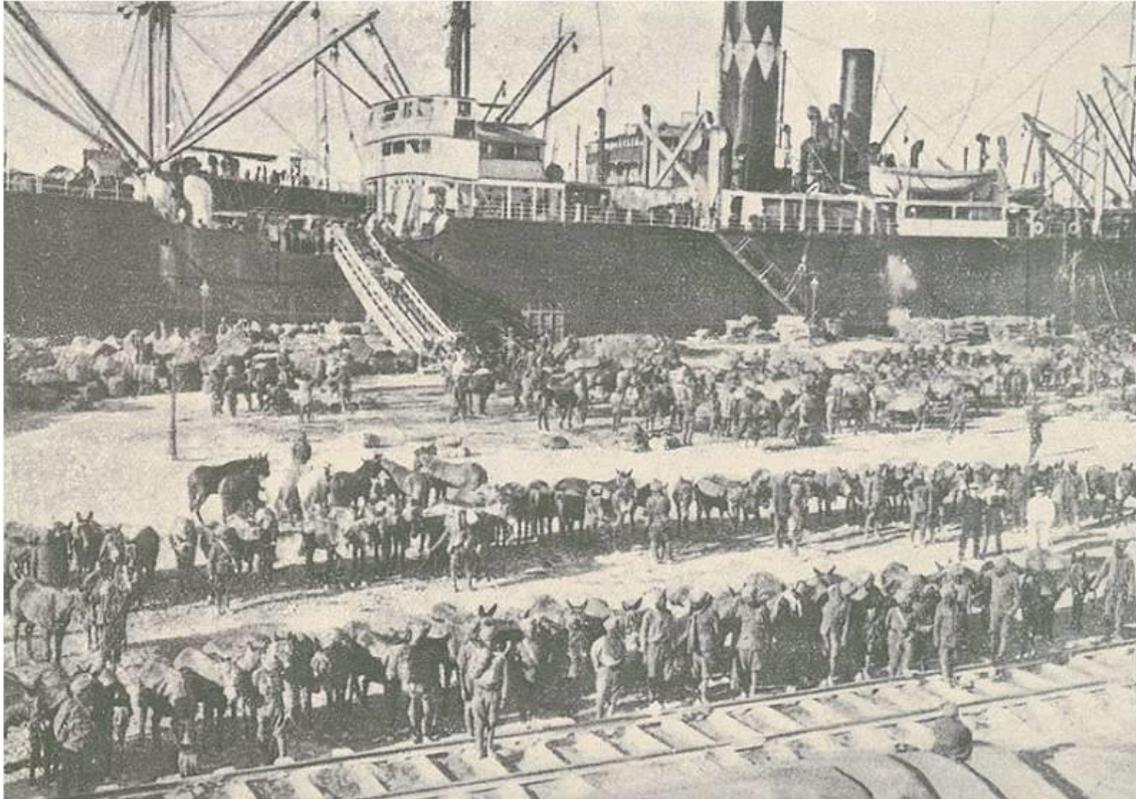


Ilustração Portuguesa de 15 de Novembro de 1915. Forças anglo-francesas desembarcam em Salónica. Aberta uma nova frente, particularmente complexa de um ponto de vista político e militar.

6 de Outubro – Sérvia – Começa a ofensiva final contra a Sérvia. Dois exércitos áustriacos com apoio alemão atacam a partir do Norte, de modo a conter o grosso das forças sérvias à volta de Belgrado. Pouco depois (14 de Outubro), dois exércitos búlgaros atacam pelo flanco exposto e mal defendido na fronteira Leste, tendo como objectivo um avanço rápido na direcção de Nis e Skopje. Estas cidades são ocupadas em começos de Novembro, acabando com qualquer veleidade Aliada de avançar para Norte a partir de Salónica e fazer a junção com o exército sérvio. Este, cercado e abalado, mantém a coesão apesar de tudo e retira na direcção do Montenegro e da Albânia, procurando assegurar uma passagem para o mar por onde possa ser evacuado pelas marinhas Aliadas. Belgrado, a capital da Sérvia, é conquistada a 9 de Outubro. A Grã-Bretanha e a França só declaram guerra à Bulgária em meados de Outubro. Os Aliados prometem muita coisa à Grécia em troca da sua beligerância, inclusive a cedência de Chipre, mas não alteram de momento a posição de Atenas.



Ilustração Portuguesa de 15 de Novembro. Infantaria Búlgara invade a Sérvia. A acção da Bulgária ao ocupar o Sul da Sérvia impede qualquer junção desta com as forças Aliadas desembarcadas em Salónica. Mais um plano estratégico Aliado que falha por ter sido executado demasiado tarde.

13 de Outubro – Guerra Aérea. Londres é de novo bombardeada pelo Zeppelin L15, que lança 20 bombas de 110 libras sobre o centro da cidade. Ao todo, foram registados 20 ataques com Zeppelins contra a Grã-Bretanha em 1915, normalmente de noite e realizados por um único dirigível. Isto levou à criação do primeiro sistema de “defesa aérea”: holofotes e canhões capazes de um tiro com grande elevação surgem nos pontos mais ameaçados à volta de Londres. Só os caças mais potentes, que começam a surgir a partir de 1916, se revelam uma defesa eficaz contra os dirigíveis alemães. Em 1915, o grande inimigo destes será a instabilidade do tempo, bastando uma mudança na direcção do vento para fazer abortar a missão.



Ilustração Portuguesa de 15 de Outubro de 1915. A Ilustração Portuguesa continua a trazer aos portugueses as últimas novidades da guerra aérea. As fotografias pretendem ilustrar alguns aspectos do "sistema de defesa aérea de Paris", onde se incluem detectores de som e metralhadoras montadas para dispararem para cima. A guerra aérea estratégica estava efectivamente a dar os primeiros passos.

18 de Outubro – Frente da Itália. Começa a 3ª ofensiva italiana no Isonzo, pensada como uma forma de aliviar a pressão sobre a Sérvia. Dura até 4 de Novembro, seguindo o que era já o padrão normal: um pequeno avanço italiano inicial, seguido da perda do terreno ganho na subsequente contra-ofensiva da Áustria.

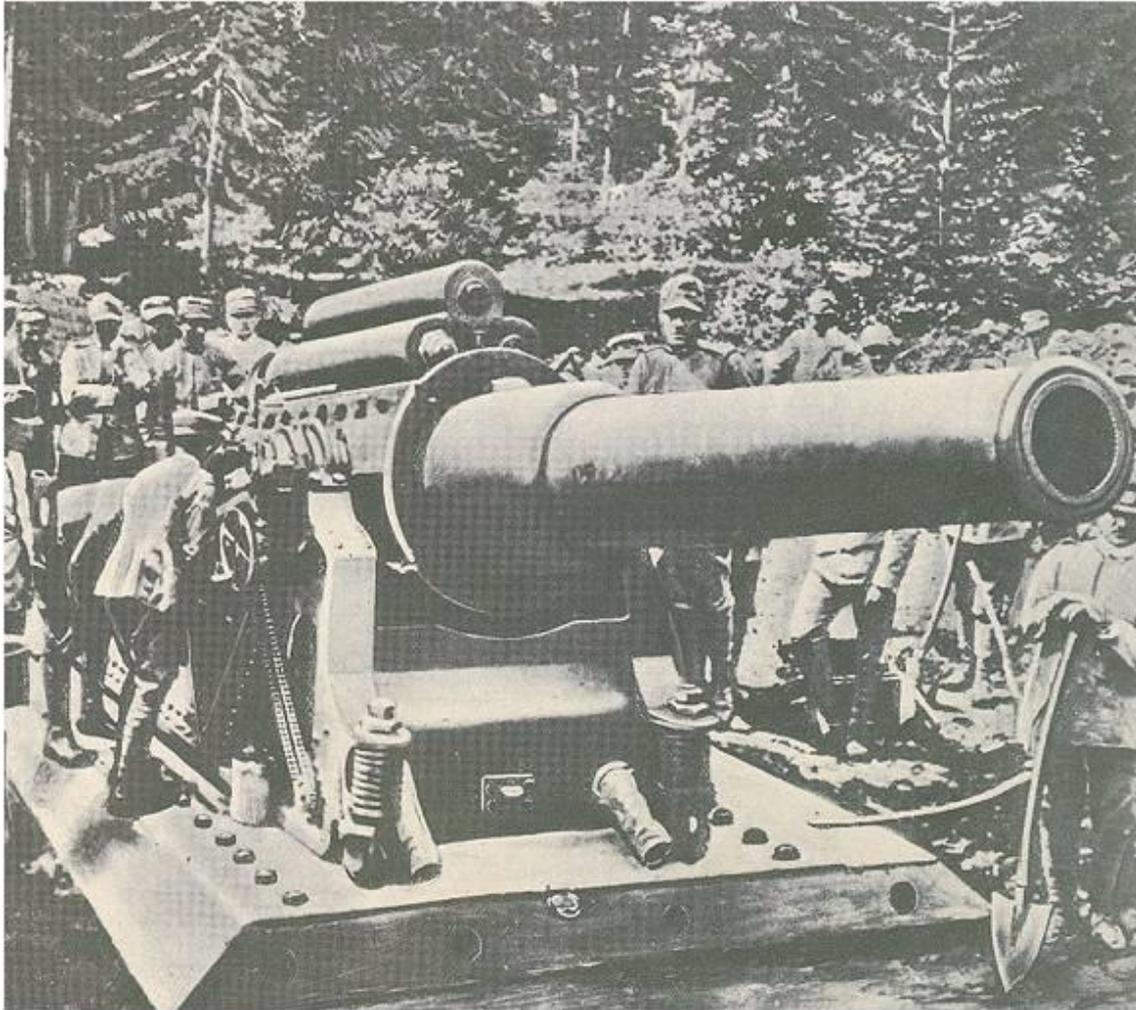


Ilustração Portuguesa de 8 de Novembro de 1915. Um impressionante obus italiano de 305 mm em posição fixa. A Itália procura esconder a sua efectiva fragilidade militar divulgando fotografias das poucas peças modernas do seu armamento.

10 de Novembro – Frente da Itália. Começa a 4ª ofensiva italiana no Isonzo, que se prolonga até 3 de Dezembro, mais uma vez sem resultados significativos, para além de substanciais baixas de ambos os lados.

22 de Novembro – Médio Oriente. A Grã-Bretanha começa o que esperava que fosse o ataque final a Bagdad. Na realidade, as forças turcas tinham recebido importantes reforços e passam rapidamente ao contra-ataque, dirigidas pelo Field-Marshal alemão von der Goltz. A 26 de Novembro, são as forças britânicas que cedem terreno e retiram. A retirada termina de momento em Kut-el-Amara, a 2 de Dezembro. Os Turcos, apoiados por oficiais alemães, conseguem cercar a força britânica nessa localidade passados alguns dias. A Grã-Bretanha, surpreendida com o inesperado desenvolvimento começa a preparar uma expedição que possa quebrar o cerco, avançando a partir do Golfo Pérsico. Em 1916 serão lançados três ataques com esse objectivo e todos falham. A 29 de Abril de 1916, as forças britânicas

cercadas em Kut-el-Amara rendem-se. Acabava em desastre a miragem de uma fácil conquista de Bagdad, o que leva os britânicos a apostarem mais fortemente na promoção da revolta árabe, apesar da situação política delicada que criavam para o futuro.

10 de Novembro – Frente da Itália – Começa a 4ª ofensiva italiana no Isonzo, que se prolonga até 2 de Dezembro. No final, registam-se 49000 baixas para a Itália e 30000 para a Áustria, sem qualquer avanço significativo no terreno.

Fins de Novembro – Sérvia. Os sobreviventes do Exército Sérvio, mantendo a coesão, retiram na direcção da Albânia, de onde esperam ser evacuados por mar pelos navios aliados. As forças francesas que tinham avançado para Norte a partir de Salónica recuam, por ser já impossível a sua junção com os Sérvios (a Bulgária conquista Monastir a 2 de Dezembro).

3 de Dezembro – Frente Ocidental. O General Joffre, que era o CEM da França, é nomeado comandante em chefe dos Exércitos Franceses. Os Aliados, porém, não têm um comando militar único na Frente Ocidental, mantendo a Grã-Bretanha a sua autonomia.



Ilustração Portuguesa de 15 de Julho de 1915. Os generais French e Joffre, os dois principais chefes militares Aliados na Frente Ocidental até fins do ano, quando French seria afastado.

7 de Dezembro – Galipoli. O Gabinete de Guerra britânico aprova a retirada de Galipoli, onde as forças Aliadas estão numa posição difícil em terreno baixo, sem conseguirem avançar desde há meses. A operação é considerada muito perigosa, esperando-se que as baixas possam chegar a metade dos efectivos. As primeiras zonas Aliadas são evacuadas com sucesso a 20 de Dezembro. Mais um dos paradoxos da Grande Guerra: a operação dos Dardanelos, que tinha sido um desastre tático desde o primeiro momento, termina com uma retirada que é executada de forma tacticamente brilhante, com baixas mínimas, prolongando-se pelas primeiras semanas de 1916. Algumas das tropas retiradas dos Dardanelos vão reforçar a Grécia, mas demasiado tarde para poderem auxiliar a Sérvia.

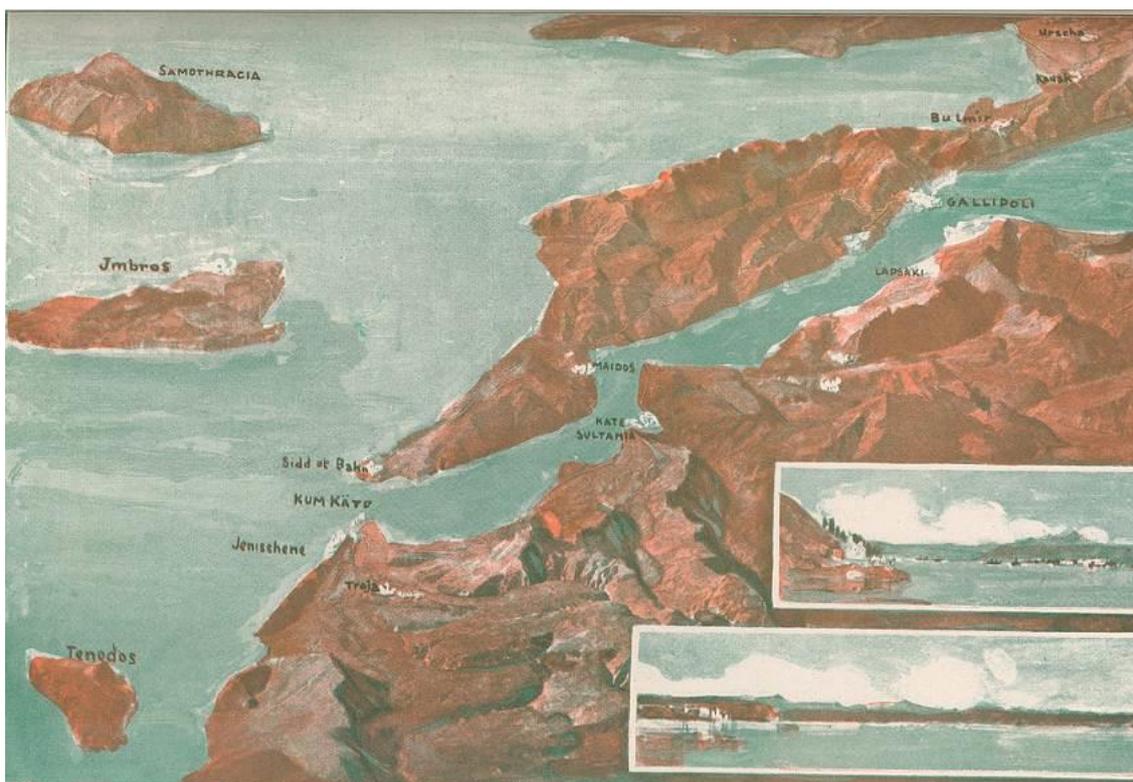


Ilustração Portuguesa de 15 de Maio de 1915. Um mapa Aliado representa o terreno da malograda operação dos Dardanelos, a mais ousada aposta estratégicas de 1915, que poderia ter alcançado grandes resultados se não tem sido comprometida por erros táticos sucessivos. No final, acabaria por ser a maior vitória turca da guerra.

25 de Dezembro. Frente Ocidental. Pela segunda vez surge de forma espontânea uma “trégua” de Natal na Frente Ocidental. Em vários pontos, os soldados saem das trincheiras e confraternizam na terra de ninguém durante umas horas em que a guerra é congelada. Os Estados-Maiores de ambos os lados tomam medidas para que estas atitudes não se repitam futuramente – a trégua de 1915 teve menor dimensão que a de 1914.

28 de Dezembro – Grã-Bretanha. O Governo de Sua Majestade dá um passo histórico e, cortando com toda a sua tradição, adopta o serviço militar obrigatório. Era o reconhecimento

oficial de que esta guerra era diferente, com baixas e forças envolvidas muito superiores ao que se pensara inicialmente.

Fins de Dezembro – Lago Tanganhica. Os Aliados lançam uma operação para garantir o controlo do Lago Tanganhica, enquanto preparam operações de maior envergadura contra a África Oriental Alemã.

NOVIDADES DE 1915

Em termos do armamento, tinha-se assistido a um rápido crescimento da artilharia, que dominava o campo de batalha e provocava a maioria das baixas. O consumo de munições de artilharia era muito maior do que se pensava antes da guerra (cerca de 40 tiros por dia e por peça na Frente Ocidental), pelo que elas faltam no começo do ano do lado Aliado. Recorre-se à mobilização industrial para superar as dificuldades, obrigando o Estado a que várias empresas passem a produzir munições e mobilizando as mulheres para a mão de obra. No Outono de 1915 já se tinha ultrapassado a falta de munições e as ofensivas então lançadas são preparadas com barragens imensas, que duram vários dias. Os Alemães, prevendo normalmente o local do ataque Aliado no Ocidente, optam por retirar previamente a sua artilharia para a segunda linha de defesa, onde escapa à barragem inicial e actua de forma concentrada e coordenada para deter o avanço Aliado e apoiar o contra-ataque.

Em 1915, ambos os lados passam a usar o gás de forma regular, normalmente em barragens mistas com munições convencionais. Tinha-se igualmente vulgarizado o uso de três armas típicas da guerra de trincheiras: os lança-chamas, as granadas de mão e os morteiros. O lança-chamas (ou Flammenwerfer, no nome alemão) é usado pela primeira vez pela Alemanha a 30 de Julho de 1915 em Ypres, no ataque a Hooge. Causa o pânico nos defensores britânicos, mas a Alemanha só conta com 6 destes armas de momento.

O gás passa a ser usado regularmente nas grandes ofensivas em 1915, primeiro no Leste, depois no Ocidente. O seu efeito moral inicial é muito forte, mas assim que as máscaras se vulgarizam, passa a ser simplesmente mais uma arma a considerar. Das quase 3 milhões de baixas britânicas na Grande Guerra, só 3% seriam vítimas de gás. Foram usados 46 tipos de gás, 13 tipos de fumos e 9 agentes incendiários durante a Grande Guerra. O maior produtor de gases foi a Alemanha (68100 toneladas), seguida da França (36966 toneladas), da Grã-Bretanha (23735 toneladas) e dos outros poderes. A indústria química, que tinha sido tão importante no desenvolvimento dos novos explosivos no século XIX, colocava agora directamente um produto seu no campo de batalha.

Os modelos rudimentares de lança-granadas iniciais (que usavam vários tipos de molas) foram rapidamente substituídos por morteiros mais sofisticados, como o Stokes

britânico.



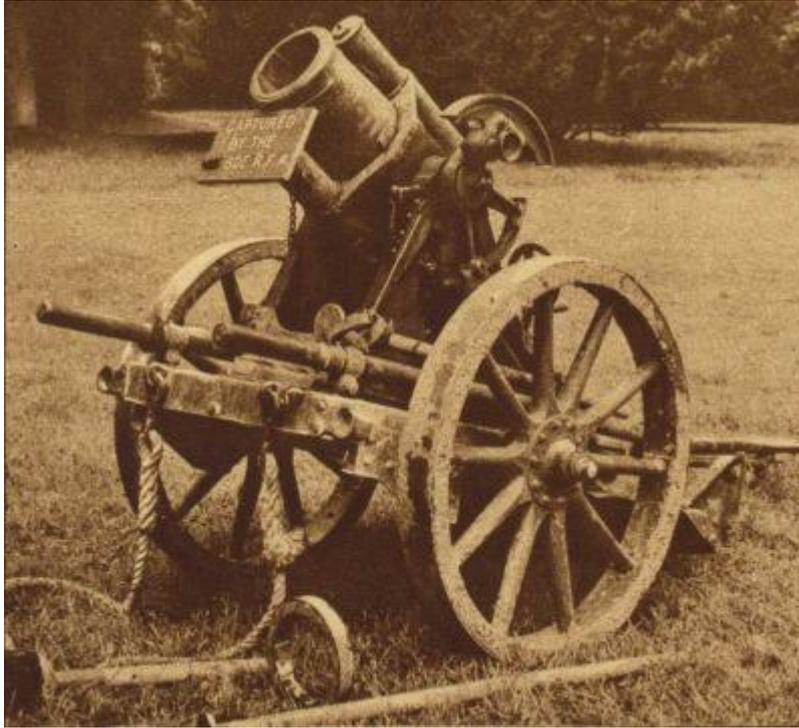
Ilustração Portuguesa. Um típico lança-granadas francês improvisado do começo da guerra. Parece uma catapulta medieval, onde um sistema de elásticos (podiam ser molas metálicas) projecta uma granada a centenas de metros. Era o antepassado directo do morteiro de trincheira.

O morteiro Stokes é uma importante novidade, até porque o padrão geral dos primeiros modelos se manteve praticamente até à actualidade. Era um mero tubo de aço liso, com um percutor fixo na base, colocado sobre um prato metálico que lhe dava apoio e regulado através de um bipé, que lhe dava orientação e elevação. Não podia haver nada mais simples, mas permitia à infantaria nas trincheiras colocar com relativa precisão uma granada que seguia uma trajectória parabólica num raio de poucos quilómetros. Era a arma ideal para as trincheiras, não exigindo grande formação, podendo ser facilmente usada em espaços limitados e produzindo um tiro que caía sobre o alvo quase na vertical, o ideal para atingir as trincheiras do inimigo. Os primeiros modelos eram de 56 e 76 mm, mas surgem pouco depois outros de 107, que podiam lançar granadas convencionais ou de gás.



O morteiro Stokes, uma arma muito simples especialmente adaptada à guerra de trincheiras. A concepção básica do morteiro iniciada pelo Stokes mantém-se até aos nossos dias. Fonte da foto: Wikipedia.

A França e a Alemanha colocam em operações, igualmente em 1915, o que chamam de “morteiro de trincheira” (Alemanha) ou de “torpedos aéreos” (França). Os “morteiros de trincheira” eram uma arma pior adaptada à realidade das trincheiras que os Stokes britânicos, apesar do seu nome. Na realidade, não passavam de pequenos obuses simplificados, de modo a serem mais leves, colocados num reparo que permitia o tiro com grande elevação, quase na vertical. Tinham em relação aos Stokes a grande desvantagem de serem muito pesados e de exigirem uma formação semelhante à dos artilheiros. Isto significava nomeadamente que a infantaria, ao retirar ou avançar, podia levar os Stokes transportados pela sua guarnição, mas normalmente não podia fazer o mesmo com os morteiros de trincheira, até porque muitos deles exigiam demoradas operações de montagem e desmontagem para serem utilizados.



Um morteiro de trincheira alemão de 170 mm, num reparo sobre rodas de onde era retirado para ser colocado em bateria. Trata-se de um obus adaptado para um tiro que pode chegar quase à vertical, com mobilidade muito menor que a dos morteiros Stokes, britânicos, esses sim, uma verdadeira "arma da trincheira".



Ilustração Portuguesa. Um "torpedo aéreo" Francês. Era uma variante pior e menos precisa dos morteiros Stokes britânicos.

O número de metralhadoras nos batalhões aumentou muito em 1915, tendo normalmente triplicado. Surge igualmente em 1915 a preocupação de dotar o infante com uma metralhadora leve, que possa ser facilmente transportada por dois homens e disparada a partir de um bipé. Pouco se tinha pensado nesta necessidade antes da guerra, pelo que o único modelo prático disponível em 1915 era a Lewis britânica, que se viria a revelar uma arma

ideal para a guerra das trincheiras. A Lewis passa a ser entregue directamente às pelotões de infantaria britânicos, aumento muito o seu poder de fogo e dando-lhes uma importante vantagem sobre os alemães, tanto na retirada como na ofensiva.



Uma típica Lewis britânica, com uma guarnição de dois homens, um dos quais carregava os tambores da munição. Foi a primeira metralhadora ligeira prática, amplamente usada por quase todos os Aliados, inclusive Portugal.



A típica metralhadora pesada com a sua guarnição de pelo menos 4 homens numa foto da Ilustração Portuguesa. Neste caso, trata-se de metralhadoras da Áustria que foram capturadas e são usadas pela Rússia.

O ano de 1915 assiste igualmente ao discreto nascimento do “tanque” (carro de combate na denominação oficial), desenvolvido em grande segredo na Grã-Bretanha. Em fins de 1915 começam os testes com um modelo ainda muito rudimentar (o “pequeno Guilherme” – Little William). Na França, o inovador tenente-coronel Estienne – um génio militar, mal tratado pelo conservador comando francês, que já tinha estado na base do desenvolvimento da aeronáutica militar – começa igualmente a trabalhar na concepção dos primeiros blindados sobre lagarta. É preciso acrescentar um pormenor normalmente omitido: o conceito britânico e o francês do “tanque” são muito diferentes desde o seu nascimento. Na Inglaterra, o que se procura criar é um veículo sobre lagartas capaz de passar por cima de uma trincheira, que possa actuar de forma relativamente autónoma, pelo que precisa de contar com um armamento misto, onde se incluam metralhadoras e obuses. Na França, o que se procura desenvolver é a chamada “artilharia de assalto”, algo muito diferente do “tanque” britânico. O conceito francês é de um veículo blindado sobre lagartas, com uma mobilidade muito limitada, que possa dar apoio de artilharia à infantaria no seu assalto – uma “artilharia sobre lagartas”. A estreia operacional do tanque (nome inventado na Inglaterra) só surge em 1916.



Para além do “tanque”, ainda em desenvolvimento, continuam a usar-se em 1915 as autometralhadoras, como estes modelos britânicos da Rolls Royce fotografados nos Dardanelos. Ilustração Portuguesa

Em fins de 1915 os alemães começam a organizar as primeiras “tropas de assalto”, unidades especializadas equipadas com lança-chamas, granadas, morteiros de trincheira, metralhadoras e artilharia ligeira. As tropas de assalto desenvolvem tácticas próprias, explorando os pontos fracos, infiltrando-se por eles em avanços rápidos, sem se preocupar com os flancos, e formando ninhos de resistência mais à frente, de modo a desorganizar todo o sistema defensivo. Os franceses experimentam igualmente tácticas de infantaria semelhantes, especialmente pela mão do capitão Lafargue. As novas tácticas e unidades vão ser experimentadas pela primeira vez em larga escala no ano seguinte, na grande campanha de Verdun.

O ano de 1915 é o da maturidade da aviação militar, que cresce muito e se diversifica, graças a inovações como o armamento que pode disparar através das hélices, fazendo nascer o caça moderno. Surgem unidades aéreas especializados (caça, ataque, reconhecimento). A Alemanha é a primeira a organizar as “asas” de caças, concentrando vários esquadrões. Como a Alemanha é igualmente a primeira a colocar em serviço um caça capaz de disparar através da hélice (o Fokker E), consegue obter a superioridade aérea na Frente Ocidental em 1915, um factor que lhe permite resistir às ofensivas Aliadas com forças numericamente reduzidas, provocando-lhes mais baixas que as que sofre.

Será em 1915 que nascem os “ases”, uma das novidades da Grande Guerra. Os “ases” são um dos modelos do herói da Grande Guerra. Numa altura que a guerra se massifica e se torna anónima, em que a coragem e o heroísmo pouco valem perante o poder de fogo organizado, a popularidade dos ases deve-se ao facto de eles serem justamente o contrário deste padrão. Eles são os “cavaleiros do ar”, os indivíduos que se destacam da massa pela sua coragem, habilidade e domínio técnico. É significativo que, ao contrário do passado, estes heróis se afirmam, não meramente através da coragem, mas através do domínio de uma capacidade ligada a uma das maiores inovações técnicas que a Guerra trouxe – a aviação.

Nasce ainda em 1915 a guerra aérea estratégica, tanto sob a forma de campanhas de bombardeamento da retaguarda, como do ensaio dos primeiros sistemas de defesa aérea, que incluem já localizadores de som, observadores, holofotes, artilharia e caças – os dois primeiros sistemas são erguidos em Paris e Londres. A principal campanha neste ano é lançada pela Alemanha, com os Zepellins a atacarem Londres, Paris e alvos no Sul da Inglaterra. A França actua com os seus Voisin, que lançam bombas tradicionais e de gás sobre Ludwigshafen, em Maio. A própria Áustria-Hungria, menos desenvolvida neste campo, lança algumas bombas sobre Veneza.



A Ilustração Portuguesa de 27 de Setembro de 1915 publicava esta fotografia aérea de Veneza, dizendo com grande repúdio que a “cidade dos Doges” estava a ser alvo de bombas de aviões da Áustria-Hungria.

Também a guerra naval muda significativamente em 1915. É o ano da maturidade da arma submarina, quando a Alemanha aposta nela como a sua melhor oportunidade de derrotar a Grã-Bretanha no mar. As consequências serão de grande envergadura, nomeadamente porque a guerra submarina sem restrições acabaria por trazer os EUA para o conflito – só em 1917, mas o processo de mudança da opinião pública americana começa em 1915.

O ano de 1915 é marcado pela mobilização da retaguarda para a guerra, cortando com as práticas anteriores. As indústrias e os transportes são mobilizados, passando a obedecer aos planos e instruções do Estado Maior, muitas vezes com 2 turnos de 12 horas diárias, ou 3 de 8 horas. Começam igualmente a notar-se (principalmente do lado dos Poderes Centrais) as carências de alimentação, com a criação de sistemas de racionamento e legislação que obriga os agricultores a cultivar os produtos mais necessários e a vendê-los a preços tabelados.

A falta de homens leva os Governos dos principais beligerantes a mobilizar o trabalho feminino. A mulher passa a fazer trabalhos que antes eram reservados aos homens, conduzindo transportes, assegurando os turnos de 12h nas fábricas ou as funções de segurança na retaguarda. Só a aprovação do Munitions War Act na Grã-Bretanha (em Maio) leva para as fábricas de armamento 46000 mulheres numa única semana. Era uma ironia da História que os mesmos governos que, poucos meses antes, diziam à mulher que ficasse em casa para cuidar da família, passam, em 1915, a dizer-lhe para substituir os homens nos postos de trabalho e, quando isso não era suficiente, passam mesmo a mobilizá-las para a indústria do armamento. A mulher fica associada ao aumento da produção de munições.

O grande número de baixas e o aumento das doenças obriga igualmente a um crescimento dos sistemas públicos de saúde, que tendem a organizar-se sob a coordenação do Estado e não já por iniciativa privada. Em toda a parte o Estado é chamado a assegurar funções que antes não lhe pertenciam e cresce muito, mesmo nas sociedades que antes pensavam que quando menor fosse o estado melhor seria para todos. É o arranque inesperado do “Estado Social”, que nasce de forma surpreendente num cenário bélico e não para concretizar qualquer utopia social ou política.

Em 1915 a guerra surpreende todos pela sua **extensão e dimensão**. A noção que o conflito seria rápido é afastada, o que deixa a maior parte dos Estados-Maiores sem uma elaboração teórica para responder à nova situação. De forma natural, sem grandes teorias, os Aliados Ocidentais apostam numa estratégia longa de erosão e desgaste, com duas variantes. A França aposta já em ofensivas sucessivas na Frente Ocidental, numa estratégia de ataque directo que não dará qualquer resultado positivo em 1915. A Inglaterra aposta na sua tradicional estratégia da aproximação indirecta, com o bloqueio marítimo conjugado com ofensivas nos teatros secundários contra o elo fraco do inimigo. Como sempre, a Inglaterra não pensa só na guerra, mas pensa já no mundo do pós-guerra, pelo que se lança em intensa actividade diplomática em relação aos Balcãs e ao Médio Oriente, preparando a sua divisão entre os vencedores. Nestes meses de 1915 Londres tece a rede de onde sai o actual Médio Oriente.

Na grande estratégia inglesa a Península Ibérica conta muito pouco em 1915. A única preocupação de Londres é evitar problemas em Portugal que possam complicar as relações com a Espanha, mas mesmo essas ficam muito atenuadas com a entrada da Itália na guerra. Os olhares britânicos estão nos Dardanelos e no Médio Oriente.

Os Poderes Centrais não apostam numa estratégia de desgaste em 1915, porque sabem que o tempo corre contra eles, devido ao domínio dos Oceanos pelo inimigo. A sua esperança é provocar uma decisão rápida através do ataque ao elo mais fraco, procurando a sua eliminação, o que permitiria a seguir enfrentar o inimigo principal concentrando as forças. É uma estratégia bem pensada que deu excelentes resultados em 1915. A Alemanha coloca o seu peso no Leste e derrota esmagadoramente a Rússia. A Áustria coloca o seu peso na Sérvia e consegue a sua eliminação, com o apoio da Bulgária e da Alemanha. A Turquia aposta igualmente em ofensivas contra o Suez e Aden, mas estas falham devido a debilidade próprias; consegue porém uma imensa vitória nos Dardanelos e outra, de menor envergadura, no Iraque.

De uma forma ou de outra, ambos os lados desviam a sua atenção da Frente Ocidental, com a exceção da França. Têm consciência que ela será a frente decisiva, mas de momento é mais útil explorar os eixos onde o inimigo é mais débil. Para a Grã-Bretanha isto faz especial sentido, pois 1915 será o ano da transição para o exército de massas, quando a pequena força profissional cresce muito. Só a partir de 1916 será possível pensar em grandes ofensivas no Ocidente. A Frente Ocidental é a mais densa e “imóvel”, com cerca de 3 milhões de homens de cada lado, ou mesmo 5 milhões, se considerarmos as forças de segunda linha – aqui um avanço de 200 m custa centenas de milhares de baixas, numa equação nunca antes vista.

BALANÇO DE 1915

No essencial o ano foi favorável aos Poderes Centrais, ao contrário do que era a expectativa em fins de 1914, quando a sua estratégia tinha falhado e parecia não haver alternativa.

A decisão alemã de passar a defensiva no Ocidente e à ofensiva a Leste, bem como de apoiar mais decididamente a Turquia, muda radicalmente a situação a partir da Primavera de 1915. As grandes ofensivas Aliadas no Ocidente nada conseguem, para além de baixas imensas, quase o dobro das alemãs. No Leste, pelo contrário, a Alemanha consegue uma imensa vitória com a ofensiva da segunda metade do ano. A Rússia recua quase 400 km, perde toda a Polónia e metade da costa do Báltico e sofre um tremendo abalo. As raízes da Revolução Russa estão na situação de desânimo criada em 1915.

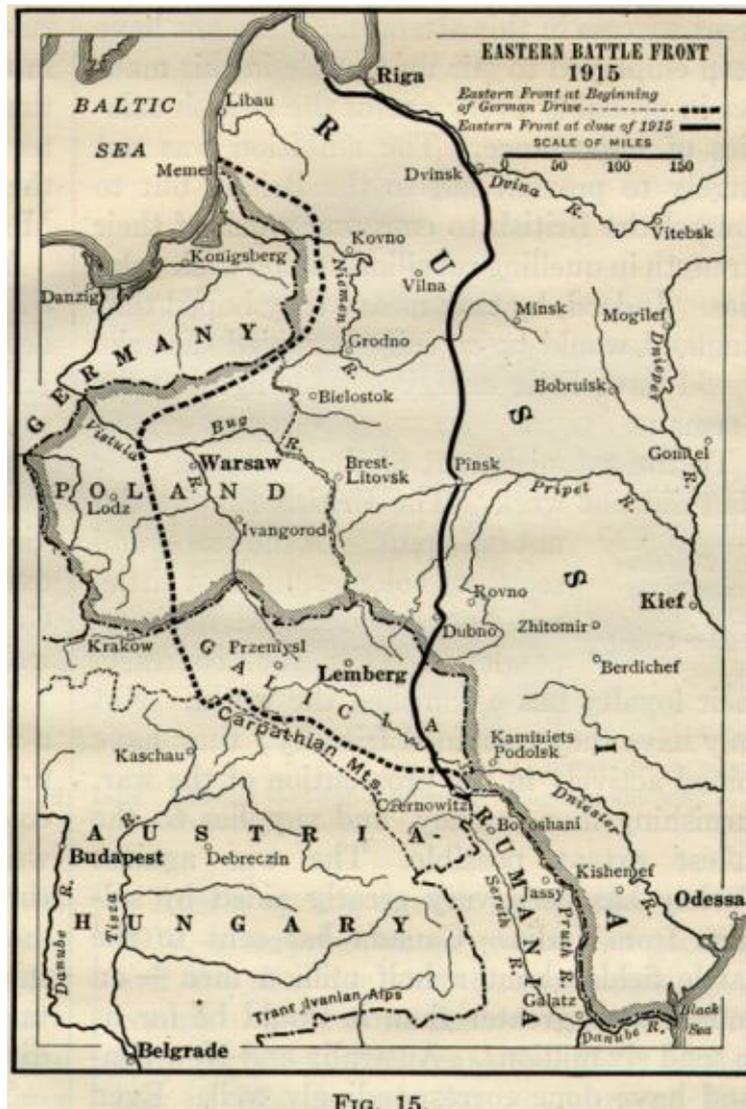


FIG. 15.

Território ganho pelos Poderes Centrais na Frente Leste em 1915. Um imenso recuo russo que chega aos 400 km e deixa toda a Polónia para a Alemanha.

A Sul, a visão estratégica britânica domina e, como seria de esperar, Londres aposta na aproximação indirecta, procurando o colapso do mais fraco dos elementos dos Poderes Centrais (a Turquia), através de um ataque em cinco eixos (Cáucaso, Salónica, Dardanelos, Suez e Mesopotâmia). Foi um erro, pois os Aliados ainda não tinham forças em 1915 para explorar estes eixos todos com sucesso e a dispersão fez falhar a operação com mais potencialidades. Se os esforços Aliados se concentrassem nos Dardanelos e, sobretudo, se as operações fossem lançadas com mais habilidade táctica e determinação, estes teriam podido obter uma vitória decisiva contra a Turquia, provocando mesmo o seu afastamento da guerra. A partir daqui seria um efeito de domino no Sul da Europa: a Bulgária não entraria na guerra, a Roménia e a Grécia apoiariam os Aliados, a Sérvia resistiria e a Áustria, que já estava com grandes dificuldades no Leste, possivelmente entraria em colapso com a beligerância da Itália. O falhanço dos Dardanelos na primeira metade de 1915 criou uma situação muito diferente no final do ano, com o colapso da Sérvia e o reforço da Áustria.

No sul da Europa, os Aliados obtêm uma grande vitória diplomática com a beligerância da Itália. Isto altera de forma importante a política da Grã-Bretanha para a Península e, em particular, para com Portugal. Simplesmente, em termos militares, a Itália não confirma as suas potencialidades. A nova frente que abre no Isonzo é contida pelos Poderes Centrais e as quatro ofensivas em 1915 falham todas, tal como aconteceria com as de 1916. Os Poderes Centrais, em contrapartida, obtêm uma vitória mais importante, quando conseguem trazer a Bulgária para o seu lado. Isto marca o fim da heróica resistência da Sérvia, que passa a ser atacada pelo Norte e pelo Leste.

No Médio Oriente, a Grã-Bretanha impôs-se sobretudo no campo político e diplomático, através do empenhamento de forças escassas. Londres manteve firmemente o controlo sobre o Suez e sobre a zona do petróleo no Golfo Pérsico. Manteve igualmente abertas as comunicações pelo Mar Vermelho, sem as quais o Suez de nada valia. O mais importante, foi que Londres impôs a sua visão sobre o que viria a ser o Médio Oriente, marcando o futuro desta região até à actualidade. A Grã-Bretanha convence a França a aceitar uma divisão em que ela ficaria com todas as zonas estratégicas importantes do petróleo, deixando para Paris o Líbano e a Síria. Os EUA ainda não entram na equação e a Rússia não tem recursos para fazer sentir o seu peso.

Acontece, porém, que o falhanço da vertente militar para a execução desta estratégia regional em 1915, com o fracasso nos Dardanelos e em Bagdad, obriga a um golpe de rins em 1916. A partir de então, a Grã-Bretanha passa a fomentar a revolta árabe e, ao mesmo tempo, promete uma pátria na Palestina aos judeus. Parecem dois movimentos contraditórios. Não o são, pois fazem parte da tradicional arte britânica de tirar com uma mão o que se dá com a outra, de dividir para reinar e de colocar os seus recursos escassos nos poucos pontos vitais. Os contornos essenciais do Médio Oriente actual surgem a partir das opções tomadas nestes meses decisivos. Se a operação dos Dardanelos tem sido bem sucedida, como era possível, o Médio Oriente actual seria muito diferente.

A guerra, em resumo, correu bem para os Poderes Centrais no Sul e no Leste em 1915. A Rússia sofreu um imenso desastre, a Turquia aguentou-se e anulou as tentativas de explorar os eixos com grande potencialidade estratégica dos Dardanelos e da Mesopotâmia. A Áustria igualmente se aguentou, recuperou o terreno perdido e obteve uma vitória decisiva contra a Sérvia. A única derrota importante dos Poderes Centrais no Sul, foi a entrada da Itália na guerra, mas em 1915 é uma frente contida.

Os Poderes Centrais, em resumo, podiam gabar-se de ter dominado em 1915 no essencial, ao contrário do que parecia que iria suceder em fins de 1914. Se tem perseverado em 1916 na estratégia de dar a prioridade ao Leste e ao Sul, teriam aberto uma janela de oportunidade rara: a de se imporem aos Aliados antes da entrada dos EUA na guerra. Para sorte dos Aliados, o pensamento estratégico dos Poderes Centrais era errático e fundamentalmente incorrecto. A Alemanha, em particular, não fazia a mais pequena ideia de como se ganha uma guerra global e isso seria a sua perda. Em 1916, a Alemanha abandona as opções estratégicas correctas de 1915 altera as suas prioridades. Passa então a apostar numa vitória na Frente Ocidental através de uma estratégia de desgaste – foi um erro colossal que

conduziu ao inferno de Verdun. Se havia alguém que não podia aceitar a lógica da guerra longa e de desgaste era justamente a Alemanha. Os Poderes Centrais desperdiçaram aqui a sua única possibilidade de ganhar a guerra, que era ténue, mas existia.

Do mesmo modo, podemos dizer que os Aliados perderam a oportunidade de obter uma vantagem decisiva em 1915, ao não apostar mais fortemente na operação nos Dardanelos, com um imenso potencial estratégico. Uma pequena parte das forças que os Aliados desperdiçaram em ofensivas inúteis na Frente Ocidental em 1915, teria feito a diferença entre a derrota e a vitória nos Dardanelos, sobretudo com uma exploração mais hábil da mobilidade anfíbia e da superioridade naval. Se os Aliados se tem imposto aqui em 1915, provocando o colapso Turco, como era possível, teriam possivelmente ganho a guerra em 1916 e o mundo seria hoje muito diferente. Churchill tinha razão, como era de regra e o futuro confirmaria muitas mais vezes – de momento isso custou-lhe o afastamento do poder.